

Orlando Fonseca (org.)

Ao
PE da
Letra

**Um calçado para andar e
uma história para contar.**

Santa Maria - RS
2009

Organizador: Orlando Fonseca

Projeto gráfico: Danclar Rossato

Ilustração Capa: Art/Meio Propaganda

Revisão: Orlando Fonseca

Impressão: Pallotti – Santa Maria – RS

A74 Ao pé da letra / Orlando Fonseca

(org.) Santa Maria : Pallotti, 2009.

120 p.

ISBN.:????????????????

1. Literatura brasileira - crônicas I. Fonseca,
Orlando

CDU 821.134.3(81)-94

Ficha catalográfica elaborada por Eunice de Olivera CRB – 10/1491

Sumário

Apresentação	07
Ao pé da letra	09

PARTE I **Concurso Ao Pé da Letra**

PRIMEIRO LUGAR

Réquiem ao vermelho e branco	15
<i>Luísa Dalcin da Silva</i>	

SEGUNDO LUGAR

Passo a passo	21
<i>Ciro Eduardo Silva de Oliveira</i>	

TERCEIRO LUGAR

Sapatinhos de Perlê	24
<i>Neida Regina Ceccim Morales</i>	

MENÇÕES HONROSAS

De tempos passados e passos futuros	30
<i>Uiliam Ferreira Boff</i>	
O <i>All Star</i> da vovó	33
<i>Gabriel Machado Soares</i>	
A espera	36
<i>Fábia Augustin Machado</i>	
As botinas da Eny	39
<i>Ruben Boelter</i>	
“N” motivos	42
<i>Leonardo Buss Ramos</i>	
O jovem e o equilibrista	47
<i>Vicente Gilberto Isaia</i>	
Pés Chatos	52
<i>Andréa Cortiana</i>	
Conto dos Sapatos de Sonhos	57
<i>Isadora Lopes</i>	
Uma História em Laranja e Branco	60
<i>Leandro Cardoso de Oliveira</i>	
Reflexos (da vida) na vitrine (da Eny)	62
<i>Rafael Gallina Krob</i>	
O sapato vermelho	65
<i>Alfran Caputi</i>	
Vai na Eny Calçados, pra não ter erro	68
<i>Tiago Keller Ferreira</i>	

PARTE II

Autores Convidados

Sapatos "sob medida"	73
<i>Tânia Lopes</i>	
Um pé lá, outro cá	76
<i>Sione Gomes</i>	
Rosas e Sapatos Azuis	78
<i>Haydée S. Hostin Lima</i>	
Fantasia com sapato vermelho	80
<i>Vitor Biasoli</i>	
Água no pé esquerdo	83
<i>Antonio Candido de A. Ribeiro</i>	
Páscoa de 1964	86
<i>Humberto G. Zanatta</i>	
O sapato e a camiseta	91
<i>Athos Ronaldo M. da Cunha</i>	
Marketing com os pés no chão	95
<i>Diomar Conrad</i>	
Ao pé da letra	98
<i>Raul Giovani C. Maxwell</i>	
Enigmático retrato	100
<i>Máucio</i>	

Minhas botinas	103
<i>Ludwig Larré</i>	
Uma questão de estilo	107
<i>Márcio Grings</i>	
A loja da dinda	111
<i>Marcelo Canellas</i>	
O espelho do bruxo e a alma encantadora das chinelas	115
<i>Odemir Tex Jr.</i>	
Seu Salvador	118
<i>Pedro Brum Santos</i>	

Apresentação

AO PÉ DA LETRA

Soltar a imaginação e ainda manter o pé no chão é algo que demanda um esforço de malabarista. Não é coisa para qualquer um; exige experiência e persistência. Tudo bem, para nós que exercemos no dia a dia a profissão de brasileiro, isso é ate fichinha, pois a todo momento estamos na contingência de jogo de cintura, pernas para que te quero, braço a torcer e cabeça cheia. Precisamos exercitar nossa inventividade, constantemente, mas não temos deixado cair a peteca. Claro, tem alguns que levam a coisa mais ao pé da letra que outros. E há também os que consideram tudo isso apenas clichês batidos sobre a humana experiência deste alegre povo americano, abaixo da linha do equador. Em termos.

Pensando na possibilidade de que tais circunstâncias, mesmo cotidianas, prosaicas ou triviais, colocadas em palavras dariam um ótimo documento sobre nossa comunidade, a Fundação Eny provocou os seus clientes para porem no papel suas vivências com os pés devidamente calçados e a imaginação devidamente alada. Não importando se o fato se deu por causa de

um sapato bico fino, um par de sandálias, tênis, botas de cano longo ou botinhas, enfim... Uma empresa dedicada a todo o tipo de calçado, ao longo de oito décadas e meia tem o direito de imaginar que seus clientes acumularam muitas histórias sobre o tema.

De fato, para os santa-marienses, Eny é quase um sinônimo para calçados em nossa cidade. Tendo iniciado suas atividades comerciais em outubro de 1924, ainda numa pequena loja à rua Silva Jardim, aos poucos foi consolidando o seu nome na história e nos costumes de Santa Maria. Foi crescendo junto com o desenvolvimento do Município, foi acrescentando importância no progresso a olhos vistos desta comunidade. Desde o primeiro influxo desenvolvimentista, com a ferrovia, na primeira metade do século passado, acompanhando o salto com a vinda da pioneira universidade federal no interior do país, a partir da década de sessenta, Casas Eny e Santa Maria afirmaram uma sólida liderança no coração do Estado.

Assim é que, em pleno século XXI, a Eny Calçados participa efetivamente da consolidação de Santa Maria como cidade cultura. São vários projetos culturais patrocinados ou apoiados pela empresa. Obras de teatro são levadas às escolas da cidade, o que significa propiciar trabalho para atores e técnicos locais, além de oportunizar a crianças e adolescentes que não teriam outra chance o contato com a produção artística de qualidade. Grandes espetáculos são trazidos a Santa Maria por companhias do estado ou de fora do RGS, para belas apresentações no palco do Theatro Treze de Maio.

Existem aqueles que ficam se perguntando se somos mesmo uma cidade que mereça o título que ostenta. Entretanto, de nada adianta ficar questionando a legitimidade de um título positivo como este. Certamente nos faltam muitas qualidades para tanto. Porém, o nosso povo não desmente o caráter que podemos assumir no cenário rio-grandense. Precisamos é fazer por onde. Temos produção relevante, temos artistas com renome no país, temos público interessado. E o concurso Ao Pé da Letra conseguiu mostrar isso: muitos clientes aceitaram o desafio de pôr em texto a experiência vivida com um pé na realidade e a imaginação livre.

Este livro dá testemunho do acerto neste projeto cultural. A primeira parte é composta com quinze crônicas selecionadas pela comissão julgadora. Na segunda parte, autores convidados também trouxeram a sua arte para enfatizar o significado do nome Eny em nossa cidade. Com certeza, estes textos vão propiciar aos seus leitores uma boa dose do que a nossa gente é capaz de fazer, caminhando com suas próprias pernas e com autonomia de voo, ao deixar solta sua imaginação.

Orlando Fonseca - organizador

PARTE I

Concurso Ao Pé da Letra

PRIMEIRO LUGAR

Réquiem ao vermelho e branco

Luísa Dalcin da Silva

Senhoras e senhores:

Eis uma história verídica de apreço incondicional por um humilde tênis furado. Primeiramente, quero explicar que o nosso calçado não é valorizado como devia.

Desde o período paleolítico, têm-se evidências de que o couro era curtido para proteger os pés do frio e das longas caminhadas. No Egito, só os Faraós tinham este direito. Em Roma, os sapatos indicavam a classe social. Nos castelos medievais, eram usados como instrumento de tortura (há quem acredite que os saltos agulha ainda sejam resquícios modernos dessa prática – eu, por exemplo). No Reino do Príncipe, o sapato é o clímax da história da Cinderela. E no Iraque, até serviu de desforra de repórter no Bush-filho. Como ignorar toda essa versatilidade histórica dos calçados?

Faço esse texto em defesa deles: eu tenho carinho pelo que visto nos meus pés. Os sapatos nos deixam mais altos, mais elegantes, ou então mais despojados, mais joviais. E as meias? Não há quem não tenha dúzias de meias, ganhadas dos tios e avós a cada Natal.

Não há quem não erre os pares ao levantar correndo para ir para a aula e acabe descobrindo já na rua que está com uma meia azul e outra roxa. Além disso, os sapatos nos oferecem um dos mais bonitos sinais de intimidade que eu já senti por alguém: reconhecer os seus passos nas escadas, saber que o toc-toc que vem do corredor é exatamente aquele feito pela pessoa que amamos, voltando para casa. Toc-toc no primeiro andar, toc-toc no segundo andar, e o coração se acelerando até ouvirmos o barulho da chave na porta.

De todos os sapatos, para mim, o tênis é o mais bonito. O tramado do cadarço é a geometria que se adapta perfeita aos nossos pés. O tênis dá a sensação de poder andar, andar, andar indefinidamente. Aí ele desata, e a gente parece criança, se agachando no chão para amarrá-lo de novo. O que eu acho mais curioso em um tênis é que ele tem charme próprio. Diferente da roupa que, fora do corpo, vira um pedaço de tecido disforme, o tênis não precisa ser calçado para ser visto em seu formato ideal. Ele já está ali, pronto. Tênis não amassa, não deixa de servir quando a gente engorda um pouquinho, não sai de moda. O par de tênis é simpático até quando jogado no canto do chão do quarto, um pé de lado e outro de frente, como se tivessem sido colocados assim de propósito para ser o fundo de uma propaganda ou de um seriado de TV. Se for All Star, então, fica ainda mais cativante. Chego até a enxergar uma guitarra inclinada do lado, em cima de uma pilha de CDs.

A paixão pelo All Star me acompanha desde a infância, quando eu vibrava com as aventuras de Marty McFly, personagem célebre de Michael J. Fox em “De

volta para o futuro”, cujo primeiro filme nasceu junto comigo em 1985 e cuja trilogia me acompanhou nas Sessões da Tarde pelos 15 anos seguintes. Lá estava ele, viajando no tempo com All Star nos pés. Quem me dera! O máximo que eu fazia era confabular travessuras no sofá da salinha de TV, tomando um copo de Nescau e comendo bolachinhas de leite.

Passada a fase da Sessão da Tarde, veio o Grunge de Kurt Cobain nos anos 90, e lá estava o All Star de novo. Preto, sujo, gasto.

Eu poderia até resumir tudo isso: John Lennon usava All Star. Precisa mais?

Permitam-me então, senhoras e senhores, que eu lhes conte sobre o meu mais antigo companheiro. Desde que o conheci, já mudei os armários do quarto, o colchão, a cama, o travesseiro, as roupas, os tapetes, os amigos: troquei os bichinhos de pelúcia por livros de romance latino-americano. Mas ele continua comigo.

Na vitrine de vidro da Eny, entre tablados brancos repletos de chinelos, sandálias e botas, minha sobrinha para e observa seu reflexo. Helena faz isso desde que eu me lembro. Aos 4 anos, seus cabelos castanhos de um encaracolado de princesa pendem pelos ombros, e seus olhinhos gigantes observam a tudo com atenção. Eu pergunto, trazendo-a de volta para o lado de cá da vitrine: “vamos comprar um All Star para você?”

De olhar curioso e sorriso aberto como quem já prevê um presente, ela percorre a vitrine e se volta para mim.

“Que é um All Star?”

“Um tênis colorido assim, igual ao da tia.”

Silêncio de alguns segundos. Ela me olha de cima a baixo, inclinando a cabeça com um ar que mistura reprovação e desdém, e dispara quase decepcionada: “mas ele vem sujo desse jeito?”

Antes empolgado com a exibição, meu All Star esmoreceu em um muxoxo. Foi descartado. “Se ela soubesse que eu vim desta mesma vitrine, desta mesma loja, quando a tia dela olhava tudo com fascinação, há exatos 12 anos...”.

Mil novecentos e noventa e sete. O tal do grunge já era moda e Kurt Cobain já tinha deixado um furo (bem na cabeça) no cenário do rock estadunidense com o seu suicídio. No fundo, eu nem entendia a dimensão daquilo, mas sabia que era importante. Naqueles tempos, usar um All Star e uma camisa xadrez G (não importa qual fosse o seu tamanho) era ter atitude e ser contra o sistema. Eu adorava ter atitude e ser contra o sistema, ainda que nem soubesse o que isso significava exatamente. Então, com a camisa xadrez que era do meu pai (!) nos ombros, ganhei da minha mãe o meu primeiro All Star. Vermelho e branco, ele era um número maior que o meu, para que me servisse por mais tempo. Nem na melhor das perspectivas minha mãe imaginou que ele ainda me serviria em 2009. Nem tão vermelho, nem tão branco, ele ainda me serve.

Apesar da falta de afinidade inicial, Helena ganhou um All Star azul, do jeitinho que cantou Nando Reis. Mas ela continuou indiferente. “Gostei da música sim, mas pode ficar com esse tênis, tia.” Fui descobrindo paulatinamente que a antipatia era, na verdade, com a cor do All Star. Quem sabe um dia ela pudesse usar o meu vermelho? Ao menos no Rio Gran-

de, quem não gosta do azul, gosta do vermelho automaticamente.

Meu All Star é o meu mais fiel companheiro de futebol. Nunca fui ao estádio sem ele. E meu time nunca perdeu uma partida sequer quando ele estava nos meus pés. Ok, ultimamente ele tem perdido alguns campeonatos importantes. Tem sido eliminado de outros, também. Mas tudo com empate, o jogo mesmo ele nunca perdeu! Não se pode exigir muito de um All Star velho, eu acho.

Eu gosto quando tentam amenizar o estado do meu companheiro: “interessante esse tom amarelado” ou “diferente o vermelho dele, né?”. Vamos assumir, minha gente, interessante nada! É sujo e desbotado. Nem sequer é bonito! Mas tudo nele é tão íntimo para mim. Cada mancha é como uma cicatriz. Eu comecei usando ele nas brincadeiras de esconde-esconde com meus primos, então usei no meu primeiro show de rock, na minha primeira viagem sozinha, na minha primeira desilusão amorosa (e na segunda, e na terceira). Com ele entrei em uma faculdade, larguei uma faculdade, entrei em outra faculdade, andei de balão, de caminhão, de barco, de trem. Hoje, ainda com ele, escrevo a minha monografia e planejo minha saída de casa. Chego a me sentir ultrajada com essa moda de All Star que imita tênis velhos e sujos. Que há com as pessoas que não conseguem mais se apegar àquele velho par, furado, gasto, e precisam, ao invés disso, comprar um par novo em folha com aspectos de usado há anos?

A questão é, senhoras e senhores, que o meu All Star vermelho furou. Assim, de uma hora para a ou-

tra, sem aviso prévio! Furou do tipo não-dá-para-usar-mais. O filete de tecido, a borracha de outrora, terminou de desaparecer. E eu que pensava em vê-lo nos pés da Helena um dia!

Bom, a vida continua, companheiro. Vou passar na Eny amanhã.

SEGUNDO LUGAR
Passo a passo

Ciro Eduardo Silva de Oliveira

Passa um pouco das cinco horas da tarde. É a hora do *rush* na UFSM. Todo mundo tentando voltar para casa, depois do longo dia de estudos ou de trabalho. Mesmo estando apenas na segunda parada de ônibus, mal consigo entrar no coletivo superlotado que se dirige ao centro de Santa Maria, gemendo com a carga.

Fico em pé, esmagado. A garota que está sentada em minha frente pergunta se quero que leve minha mochila. Olho para ela e fico sem voz. Ela é a menina dos olhos mais lindos que já vira! Embasbacado e boquiaberto, me limito a entregar a mochila.

Não consigo desgrudar meus olhos da menina até o centro. Ela levanta e me devolve a mochila. Em murmúrio, agradeço. Sento no lugar dantes por ela ocupado. Minutos depois, percebo que há uma sacola com uma caixa embaixo do banco. Abro a caixa e, em seu interior, encontro um par de *All Star*. Com o tênis, está também um carnê e a nota fiscal da ENY Calçados. No carnê, descubro o nome da menina: Mariana,

que passou, mesmo sem saber, a ser chamada carinhosamente por mim de Mari.

Ao chegar em casa, pego o guia telefônico e procuro seu nome. Inacreditavelmente, encontro. Trêmulos, disco o número. O telefone toca uma, duas, três vezes. Na quarta, alguém atende.

- Alô! Eu poderia falar com a Mariana?

- Quem deseja? - pergunta a voz feminina, do outro lado da linha.

- A Mariana não me conhece, ou melhor, ela não sabe que me conhece...

- Que conversa é essa? É trote? - me corta a mulher, desconfiada e alterada.

- É que eu encontrei o tênis dela no ônibus... tentei explicar.

- E o telefone daqui tava no tênis?

- Não, mas o carnê da ENY tava, e tinha o nome dela... - expliquei como tinha chegado ao telefone.

Mais tranquila, a mulher disse que daria o recado. Algum tempo depois, meu celular vibrou, assim como meu coração. Sabia que era ela. Do outro lado da linha, reconheci sua voz. O coração acelerou ainda mais. Cheguei a ficar com medo de que ela ouvisse o barulho que fazia, de tão forte que batia.

- Foi você que encontrou meu *All Star* novo?

- Foi sim..., balbuciei.

- Que massa! Achei que tinha perdido!

- Bom, tecnicamente, você perdeu...

- É, mas você encontrou e, o que é mais surpreendente, me encontrou! Eu não lembro de você...

- Você trouxe minha mochila no ônibus, lembra?

- Ah! Você é aquele cabeludo, magrelo, que ficou me olhando com uma cara de bobo!

Não me contive e ri alto, antes de responder:

- É, esse sou eu mesmo!

- E você vai me cobrar resgate pelo tênis? - perguntou em tom de brincadeira.

No mesmo tom, respondi:

- Claro! Se você quiser voltar a ver seu tênis com vida, terá que tomar uma cerveja comigo um dia desses!

Ela soltou uma gargalhada:

- Tá certo! Eu faço esse sacrifício!

Dois ou três dias depois, nos encontramos. Devolvi o tênis dela. Conversamos muito. Voltamos e voltamos e voltamos a nos encontrar. Hoje, quase um ano depois, nas frias noites de inverno, o meu surrado *All Star* preto e o já não tão novo *All Star* azul dela aquecem um ao outro, enquanto repousam lado a lado, junto a nossa cama de casal.

TERCEIRO LUGAR
Sapatinhos de Perlê

Neida Regina Ceccim Morales

NNaquele tempo, vivia-se com expectativa positiva as novas experiências proporcionadas pelos ritos de passagem. Eles assinalavam culturalmente as diferentes etapas, biologicamente determinadas, da vida de todos, sem topar com rebeldias ou contestações. Eram, pelo contrário, aguardados ansiosamente, na certeza de que a sujeição a tais procedimentos equivalia a ratificar o lugar social de cada um e a fortalecer a sensação gostosa de pertencimento. Eram bastante claros os limites entre o poder e o dever, o sim e o não, o possível e o inimaginável, o real e o vir a ser.

Meninas, diziam, só deixavam a infância ao fazer 15 anos. Não entendíamos bem o porquê mas... resignadas, esperávamos. Nessa espera, o desengonço da puberdade era acentuado por roupas, sapatos e penteados infantis, ausência total de maquiagem e negação da sexualidade. A situação de feiúra e aguardo era amenizada por devaneios compartilhados com a turma de amigas, em falas furtivas no meio da aula, bilhetinhos trocados a todo o instante, papos rápidos durante os recreios, em caminhadas entre as casas e o

colégio, ou em longas conversas pelas madrugadas dos finais de semana quando, sem direito a frequentar festas noturnas, a gente se reunia em grupos, no quarto de uma ou de outra amiga. Camas eram montadas onde houvesse espaço, pouco ligando para o conforto, na ânsia de ouvir e de fazer confidências e planos, pela noite adentro.

Naquela época, a Rádio Medianeira, tinha a melhor trilha sonora, aos cuidados de universitários que lá trabalhavam. Na sintonia daquela AM, embaladas por suas “paradas de sucessos”, imaginávamos como seria dançar com aqueles rapazes (e com uns outros, principalmente!), como faríamos para recusar (sempre educadamente, é claro!) a dança com os chatos, os feios, os mais baixos que nós e os de mau hálito; como dançar muito com o mesmo par sem parecer disponível e como chegar mais perto sem ficar falada? Oh! Problemas... Quanto tempo deveríamos esperar para andar de mãos dadas com o namorado? E para o primeiro beijo? Beijar de boca fechada ou aberta? Cerrar os olhos ou ficar olhando? Eram muitas as reflexões sobre o rígido código social de então. Pensando bem, crescer, virar adulta era fato aguardado com ânsia, sim, mas com muito medo também.

O tempo passava com lentidão. Enquanto isso, seguia-se uma rotina imutável de ir à escola e voltar para casa; estudar à tarde, ir ao inglês ou à aula de música; visitar os avós à tardinha, todos os dias; ver uma imagem chuviscada da incipiente TV em preto e branco, dormir cedo para começar tudo de novo no dia seguinte, até que o sábado chegasse. Aí...

Aí era outra estória.

Aos sábados, dispensadas do uso do uniforme escolar, envergávamos as roupas mais descoladas pensando que as aulas terminariam mais cedo e, então, após encurtarmos as saias fazendo várias dobras no cós, estaríamos prontas para passear pela Primeira Quadra, para vermos e sermos vistas, num faceiro ritual de descoberta da vida. Naqueles dias, como também acontecia aos domingos, após a obrigatória missa das 11 horas, na Catedral, íamos caminhar por onde hoje é o Calçadão.

Olhávamos as pessoas e as vitrinas, em frente às quais sonhávamos com o dia em que seríamos adultas, usaríamos essa ou aquela roupa da Elegância Feminina, compraríamos todos os títulos da Coleção das Moças existentes na Livraria do Globo, todos os LPs da Bel Som. Imaginávamos quando teríamos salário para comprar os perfumes e as maquiagens da Casa Hermann, os doces maravilhosos das Confeitarias Pezzi e Segala, os adornos preciosos da Joalheria Pereyron e todos (todinhos!) os inacessíveis sapatos DE SALTO ALTO vistos nos expositores das Casas Eny.

Afinal, quem seria uma mulher de verdade se não usasse sutiã, meias de náilon e cinta-liga? Quem não continuaria criança sem batom e salto alto?

Nós sabíamos que a resposta certa era: ninguém. Mas sabíamos também que os saltos bem altos, aqueles fininhos que nos tornariam adultas “sexys” só poderiam ser comprados ainda mais adiante, lá pelos dezoito anos quando – enfim! – teríamos deixado a infância bem para trás e estaríamos saindo de uma etapa em que nos enquadrávamos como “meninas-moças”.

Tal consciência dirigia nosso olhar e nosso desejo para uma vitrina especial, de frente para a Dr. Bozano, onde eram expostos os sapatos de festa e “de sair” das Casas Eny. Então, narizes colados no vidro e falando todas ao mesmo tempo, fazíamos considerações mil sobre os amados, desejados e esperados “sapatinhos *de perlê*”. Com saltos sociais de dois ou três centímetros eram os indicados para mocinhas debutantes. Tinham modelagem delicada, cores suaves e peroladas. Podiam ser “branco nacarado”, rosa claro, “azul bebê” ou verde-água, todos eles com aquele toque cintilante que tanto nos fascinava.

Quando, finalmente, chegou o novembro em que eu daria um adeus definitivo à infância, tão logo foi possível, corri até a Eny da Galeria do Comércio. Fui com a roupa mais bonita, o maior sorriso, a melhor amiga e o coração aos pulos. Pedi ao gentil funcionário o meu sapatinho de perlê, assim como quem pede uma coroa e esperei sentada como se a cadeira do provador fosse um trono onde eu seria coroada.

Mas... estavam em falta! O número que eu calçava não estava disponível em nenhuma (NENHUMA!) daquelas corezinhas adoráveis. E o pior: a nova remessa não chegaria a tempo para meu aniversário de quinze anos. Muito infeliz, quase chorando, saí da loja com outro modelo, branco, com o mesmo tipo de salto, que seria forrado de cetim azul, como era moda.

Para compensar a desilusão, minha mãe usou das habilidades domésticas aprendidas no Colégio Santa Terezinha e bordou todo o sapato com delicadas pérolas, para lembrar o efeito do “perlê”.

Curti a festa, amei o sapato substituto depois de pronto e enfeitado, vivi com alegria todas as situações imaginadas por tanto tempo. Mas o tal do “perlê” continuou na minha cabeça por anos: busquei-o para o Baile de Debutantes, no ano seguinte e não consegui encontrá-lo; planejei usá-lo na Baile de Formatura, anos mais tarde... já estava *démodé*, não vinha mais. Lembrei dele novamente quando casei, mas houve um novo desencontro entre o “perlê” e eu.

Muitos anos depois, conferindo as novidades das vitrinas da Eny, tive uma grande emoção: lá estava ele, o sapatinho *de perlê*, reluzente como outrora, parecendo sorrir para mim através do antigo vidro. Voltei no tempo, ali, parada, percebendo que nenhum dos sapatos de saltos altos usados desde que virei uma adulta dona do próprio nariz e do próprio pé tivera a importância do inatingível “perlê” que nunca possuí.

Agora ele era jovial demais, embora seu saltinho, parecesse adequado aos tornozelos doídos da minha nova idade. Pensei na minha filha, adolescente liberada dos antigos conceitos e preconceitos, mas com muitas das antigas festas previstas para aquele ano. Ela concordou em ir comigo até a Casa Eny. Acho que queria mesmo era liquidar logo com aquele assunto. Foi gentil, disse que o “perlê” até que era mesmo bonito mas que agradecia, preferia outro modelo, mais moderno.

Não sosseguei. Voltei no outro dia e entrei na Eny com o coração tão pulsante como há um quarto de século antes. Fui sozinha, levando só as lembranças que ninguém vê. Sentada, à espera dos sapatos, virei menina de novo, brincando de experimentar todos os

modelos disponíveis para o meu número, todas as cores que matizaram meus sonhos de juventude.

Escolhi um rosa, de brilho delicado, só para ter o prazer de – até que enfim! – sair da Casa Eny com o “sapatinho de perlê” debaixo do braço.

O sapato, é claro, nunca foi usado. Ele se tornou um símbolo de uma época em que, ao comprar um sapato de perlê, uma menina entrava na loja como uma criança e saía de lá como uma mulher.

Ao comprá-lo, entrei na Eny como uma mulher madura e saí de lá como uma jovem feliz, com um sonho realizado e um ciclo de vida definitivamente encerrado.

MENÇÕES HONROSAS

De tempos passados e passos futuros

Uiliam Ferreira Boff

Faz hoje 44 anos que guardo comigo, numa empoeirada caixa, os restos de meu pai: um par de sapatos preto e uma velha história.

No tempo de meu pai, as pessoas se dirigiam às lojas para olhar, experimentar e decidir, conforme o tamanho do pé ou do bolso, que calçado levariam para casa. Para um calmo observador, era possível adivinhar mais que uma cara amarrada (devido a um calo apertado), era possível reconhecer a mão fechada de um bom freguês, negociador. Ou, ainda, ver a habilidade de um vendedor calçar, na medida exata, um elogio bem servido, quando do gosto indeciso na pisada de um cliente. Digo desse tempo, porque, atualmente, as pessoas fazem a maioria das compras sem sair de suas casas.

Por isso tudo e um pouco mais, é que hoje entendo com que tamanho zelo, meu pai me ensinava como escolher, comprar, usar, limpar e manter, quase intacto, qualquer par de sapatos. Eram palavras dele: “tenha cuidado com teus calçados, filho, como quem lê aos poucos um bom livro”. Só agora, sei que eram mais do

que conselhos de um homem humilde e vivido. Eram palavras calcadas na sobriedade de sua dor, pois carregava, ou lhe carregavam, joelhos cronicamente adoentados. Problema acumulado durante anos de jovens e intermináveis caminhadas. Quando, penosamente, levava um coração cheio de lágrimas e fragrâncias de moças dissolvidas a um tanto de álcool, que ia se evaporando pelas calçadas.

Foram-se os dias, até que disseram a ele: "... ou o senhor muda agora ou daqui alguns anos a muleta lhe manda". E, assim, cansado, resolveu acatar as ordens do cauteloso médico. Então decidiu-se, com um nó entre a garganta e o peito, a guardar seu dileto sapato e encontrar um outro, com o agravante do tal "amortecedor de impacto".

Com o olhar perdido, meu pai depositou, na velha caixa, seu confiável companheiro, reconhecido pelas solas e pelo tempo. Além de um tanto de desgosto, pelo irremediável do fato, faltava-lhe coragem para levar seus sapatos uma última vez pela interminável cidade, antes de abandoná-lo. Papai era homem de decisões enérgicas; e se não tinha remédio... Tal foi que, meu velho, ainda abalado, para acabar com a dor da separação, decidiu fazer-me um agrado. E viu na alegria das minhas retinas, em meus pés soltos e agitados, a coragem para aceitar, prosseguir, e mudar seus próprios passos.

Recordo com rara lucidez, visto que me encontro com 79 anos, da nossa visita às lojas Eny. Lembro de vê-lo numa aflição duvidosa: entre seu prestimoso sapato social e a dúvida de um tênis com amortecedor,

entre a tristeza de abandonar o antigo e a surpresa do novo, entre ele e eu.

Lembro dele contando, que antes de eu nascer, nos idos anos de 2009, ele encontrava seu vendedor, amigo, comemorando os 85 anos daquela mesma loja. O pai, já com quase trinta, naquele mesmo dia, ao observar crianças felizes, saindo da loja com seu primeiro tênis, falava ao seu amigo sobre sonhar, de fato, em um dia ser pai; história batida que ele sempre me lembrava. Anos mais tarde, por volta de 2014, ajoelhado, pediria em casamento, uma mocinha mui terna e gentil, de sandálias e cabelos longos, a quem eu saberia reconhecê-la como mãe, antes mesmo de dar meus primeiros passos; outra história que ele me recordava durante o tempo em que era vivo.

E isso tudo me ocorre, não apenas por que encontro a caixa empoeirada com os sapatos do pai, mas porque hoje, em 2094, um anúncio me lembra da festa de aniversário dos 170 anos das lojas Eny, onde eu e meu pai compramos nossos tênis com amortecedores de tempo...

O *All Star* da vovó

Gabriel Machado Soares

Lembro que iniciou com as palavras da minha avó Aurélia: “aquele ali embaixo, o redondinho”. Um olhar e pronto: um grande amor acabava de começar. Eu tinha 8 anos e via pela primeira de muitas vezes, o *All Star*. Minha mãe que já estava há horas me oferecendo pares e mais pares de tênis (e ameaçando comprar um chinelo só para me bater), deu graças a Deus quando cedi e me deixei experimentar aquele calçado à primeira vista baixinho e graciosamente original.

E desta vez nem adiantou fazer aquela birra clássica só para testar a paciência dos pais, pois era apenas mais uma daquelas marotices de guri novo, que a vó Aurélia sabia dobrar como ninguém. Vó é vó. E a minha soube me fazer gostar daquele calçado de uma maneira muito peculiar: comprando um *All Star* para ela. Nenhuma estratégia de marketing fez tanto sucesso comigo como essa. Minha mãe protestou, mas com a vó Aurélia era assim: se havia decisão, não havia dissuasão... E claro, com mãe não se discute.

Recordo de várias caixas empilhadas rente às paredes da loja; e de atendentes equilibrando muitas

outras enquanto entravam e saíam apressados de uma portinha ao fundo. Comprar tênis aos oito anos de idade era emocionante. Nós esperávamos sentados enquanto duas caixas iguaizinhas se aproximavam entre fileiras de pés descalços. O procedimento então, foi mais ou menos assim: abrir a tampa, ver o par, cheirar e sorrir. Como era bom o cheiro do tênis novo, lembro de ter comentado enquanto os segurava pela primeira vez. A vó Aurélia concordou. Até a mãe sorriu ante a minha inocência.

A imagem no espelho passou a mostrar duas silhuetas quase da mesma altura com tênis azuis idênticos. “Azul, vó?”, perguntei. “É filho, azul do Grêmio. Como o teu avô gostava”. Melhor argumento impossível... A vó só podia ter sido publicitária em outra vida. Ou dona de brique, não importa. O que interessa foi a facilidade com que me fez querer um All Star azul número 36, com um cheirinho delicioso de borracha nova. Aliás, devo dizer que ao vê-la calçando os seus, não havia como recusar uma oferta daquelas. A cena das duas figuras de pés idênticos ao espelho ficou gravada em minha memória. Desde então, All Star significou vovó Aurélia.

Quantas não foram as vezes em que ela me esperou depois da aula com seus tênis como os meus, ante os olhos interrogativos de pais e mães? Era muito legal ter essa identificação com ela. Isso só me fazia bem querê-la mais ainda. A ela e ao próprio All Star, que eram “pau para toda obra” como dizem por aí. Em se tratando de um moleque hiperativo, correr, jogar bola, subir em árvore eram desafios superados com folga. Escalavrar o All Star era todo um aprendizado, com

direito a todos os arranhões e roxos que me ofereceu. Ou então o passeio aos domingos, onde avó e neto desfilavam graciosidade (e estilo) sempre com um sorvete nas mãos.

O meu tênis azul número 36 não durou para sempre como era de se esperar. Mas para cada fim, um novo recomeço; isto é, um novo All Star aparecia e renovava o meu amor. Sempre com o aval da vó Aurélia, é claro. Aniversário, Natal ou mero capricho, o cheirinho novo de borracha era sempre bem-vindo e continuava me ensinando o valor das coisas simples da vida.

Talvez seja esse o maior ensinamento da vó Aurélia: não ser apenas uma velhinha descolada. Ser uma velhinha descolada com atitude. Ela me mostrou a importância de se buscar um lugar ao sol, independentemente da opinião alheia. Para muitos, uma senhora de idade e um tênis moderninho são coisas que não combinam. Mas quem inventou essa história estava mal-informado, pois para mim, a vovó de All Star era a prova viva da atitude e de coisas que nos definem para o resto da vida. Como um sonho motivador.

Na última sexta-feira, o número 36 azul da vovó ficou sem ter a quem servir. Fiquei tão triste que decidi não ficar com eles. Já possuíam mais de dez anos, embora fossem utilizados com menos frequência nos últimos cinco. Continuava com sua originalidade que eu bem conhecia, como um velho conhecido de tantos anos. Como aquele personagem da novela que, de tanto nos visitar toda noite, torna-se íntimo. Como as memórias de um certo cheirinho delicioso que a vó Aurélia, feita de ouro como o nome sugere, concordou com um sorriso no dia em que conheci o All Star. Eu os amo para sempre.

A espera

Fábia Augustin Machado

Alguns poderão dizer que é mais uma lenda urbana, outros, que na verdade tal fato nunca aconteceu, ou ainda que às vezes, nossa mente nos prega algumas peças.

No entanto, a história tem existência e como agora, continua a ser contada.

Nasceu, óbvio. O princípio é o nascimento. Nem tudo, nem todos pelo mesmo processo, mas o fato é que agora existia. Ainda, e não sabia por quanto tempo, não compreendia muito o lugar onde habitava. Deveras se sentia privilegiado, pois todos lhe admiravam, alguns com mais minúcia outros nem tanto, mas suas cabeças sempre se voltavam em sua direção. Olhares, por vezes de desejo, ou mesmo de cobiça, faziam-no sentir-se orgulhoso e por modéstia, envergonhado, diante de seus companheiros.

Era feliz, ou assim as circunstâncias deveriam fazer com que se sentisse. Seria completamente se não existisse sempre aquela sensação de que algo ou alguma coisa muito importante, decisiva em breve aconteceria. Não conhecia muito do mundo, para ser mais

específico, seu mundo até então se limitava à rua, a qual via através daquela vidraça. Ah! a vidraça. Tão frágil lhe parecia, porém exercia sobre ele um poder de cativoiro que esmaecia qualquer possibilidade de tentar transpô-la.

Ele sentia, mais que isso, pressentia que o dia estava próximo. Um mundo inteiro depois da vidraça chamava por ele. Sabia que jamais poderia percorrê-lo só, sabia de suas limitações, mas nem por isso desanimava, apenas esperava.

Onde estaria, como seria, e principalmente, quando chegaria aquele que viria buscá-lo. Tentava sempre parecer agradável, ficar no melhor ponto possível, em destaque, e jamais com a língua para fora ou em posição inversa, isso era regra entendida e decorada. Era vaidoso com seus tons vivos e suas listras laterais. Sabia que essas eram sinônimo de status, assim como não tinha dúvidas de que sua moradia provisória era garantia de prestígio e confiança.

E como se esperava o dia chegou, não era de sol radiante, como tanto imaginou, mas sim chuvoso e frio e aquele que veio buscá-lo era “Ela”. Chegou olhou e não teve dúvidas era esse que queria que lhe pertencesse, e o lugar para encontrá-lo assim tão perfeito, só poderia ser aquele.

Porém, a dúvida lhe consumia: será que seria mesmo para ela?

Através da vidraça, nosso conhecido ansioso, não tinha dúvidas que seria uma combinação perfeita. Sentiu-se exultante quando Ela pediu ajuda e entregaram-no em suas mãos, foi como jamais imaginou.

Delicadamente mas não sem pressa apoderou-se dele e juntos deram uma volta pelo ambiente. Mais do que nunca, os que assistiam à cena tiveram a certeza de que aquele Tênis que, pacientemente, aprisionado atrás daquela vitrine esperou seu companheiro de aventuras, tinha o encontrado naquela garota que ali estava e em momentos o levava para fora, ultrapassando a já não tão intimidadora vidraça.

Aquele tênis, que nasceu para ser especial para alguém tinha completado sua missão ao cruzar o caminho DELA, que a muito era cliente das lojas Eny.

Assim outra história tem início, mas dessa vez não mais vivida só, é uma história de parceria e de certeza da melhor escolha.

Mais uma vez muitos questionarão sobre sua veracidade, mas dessa vez poderão comprovar, pois a melhor escolha tem endereço confirmado e certamente todos sabem como chegar lá.

As botinas da Eny

Ruben Boelter

Num dos invernos rigorosos dos anos 80, resolvi comprar um par de botinas, que eu já havia visto na vitrine de uma das lojas da Casas Eny, que naquela época, localizava-se na Avenida Rio Branco, esquina com a rua Silva Jardim, no edifício Barão de Mauá.

Ao entrar na loja, parei e fiquei olhando, pelo lado de dentro da vitrine, umas botinas ali expostas. Um dos balconistas, ao perceber minha predileção, gentilmente veio ao meu encontro e perguntou-me:

- O senhor gostaria de experimentar estas botinas?

- Sim, respondi-lhe, parece-me que devem ser bem quentes.

- Bem quentes e confortáveis - respondeu-me - elas são de couro legítimo e forradas com lã de ovelha.

- Então, traga-me um par.

Ele trouxe-me um par das referidas botinas, de número 38, coloquei-as nos pés, dei uns passo sobre o tapete, e sem pensar duas vezes, fiquei com elas. Ao chegar em casa, mostrei minhas botinas novas, mas observei que ninguém havia ficado muito entusiasmado com a minha compra.

Na verdade, as botinas de cor marrom, com cadarços longos e fortes, solado grosso, com o bico arredondado e cano curto, tinham muita semelhança com os coturnos usados pelos militares. Mas não dei importância para a aparência delas, pois sabia que teria que enfrentar um longo inverno, ministrando aulas nos gélidos anfiteatros do *campus* da UFSM. Naquela época, eram poucas as salas de aulas e laboratórios que dispunham de calefação e muitos professores traziam de casa uma estufa, para aquecer a sua sala de estudos.

Agora eu estava pronto para enfrentar o inverno, com minhas novas botinas. Num dia, muito frio e chuvoso, agasalhei-me, calcei minhas botinas e fui trabalhar. Ao chegar ao meu departamento, vesti meu avental branco e fui para a sala de aula. Observei que os alunos olhavam com curiosidade para o meu visual, mas não sei ao certo se era para as botinas ou o conjunto das botinas e o avental, pois não era muito comum um professor vestir-se daquela maneira.

E assim, anualmente, o ritual se repetia, no início de cada inverno, eu retirava minhas botinas do armário, para limpá-las, lustrá-las e, quando era necessário, passava uma tinta ou mandava ao sapateiro para trocar a sola.

Os anos foram passando, e eu continuava usando minhas botinas, que muitas vezes iam parar no pés dos meus filhos, que andavam com elas pela casa, quando ainda eram crianças. Mas certo dia, ao chegar em casa, encontrei as minhas já velhas botinas numa sacola, para serem doadas definitivamente. Era um ultimato da minha família. Pensei comigo: não vou dar minhas

botinas da Eny, como eu as denominava, pois não vou encontrar outras iguais e tão quentes.

Sem que ninguém me visse, retirei-as da sacola, passei uma pasta de lustrar e guardei-as novamente no armário. Quando minha esposa e meus filhos ficaram sabendo da minha decisão, se deram por vencidos.

Assim, alguns anos a mais se passaram, porém no Dias dos Pais, do ano de 1993, algo inesquecível aconteceu: meus filhos, após as felicitações e abraços, entregaram-me um envelope, que me parecia conter um cartão referente à data comemorativa. Porém, ao abri-lo, tive uma emocionante surpresa: era uma fotografia das minhas velhas e desbotadas botinas, emoldurada numa cartolina .

Minha filha e minha esposa haviam levado as botinas numa filial da Foto Imperial, na rua Riachuelo, para serem fotografadas, e junto da foto, havia a seguinte mensagem, escrita por minha filha:

“Pai, existem coisas que nos acompanham quase uma vida, e se elas pudessem falar, ahhh! Quantas histórias poderiam nos contar. Estas botinas apesar de velhas e desbotadas pelo tempo, significam uma vida, pois passaram pelos pés de cada um de nós. Acho que é por isso que elas ainda estão por aí. Agora eu as considero o símbolo da nossa família, que quando envelhecer e perder um pouco da cor, não será por isto desperdiçada, e como uma simples botina, estará ainda, e sempre viva.” Feliz Dia dos Pais, dos filhos e esposa.

Desde então, para admiração de todos, as velhas botinas das Casas Eny, ainda estão comigo e já passaram pelos pés dos meus netos.

“N” motivos

Leonardo Buss Ramos

Advanceidson era um sujeito excêntrico, santamariense, vendedor de enciclopédia que, durante o inverno, usava galochas para caminhar pelas ruas alagadas da cidade e, no verão, o seu velho e sofrido chinelo que há tempos estava em busca de um pé torto. A procura era complicada, pois beleza não era o seu forte, além de possuir uns quilos a mais, o que atualmente é tão pecaminoso quanto roubar uma velhinha indefesa ou dar um soco no rosto de alguém que usa óculos. Seu sonho era ir para o Hawaii, crente que lá estaria a sua amada, e essa crença tão forte à qual Advanceidson se agarrava não era por acaso, estava escrita no próprio chinelo e todos os dias ao calçá-los era lembrado do caminho para o pé torto.

Tinha tanto apreço por esse chinelo que certa vez, passando por uma construção civil um prego atravessou o seu chinelo e perfurou seu pé. Apesar do sangue escorrendo, da dor e do perigo de contrair tétano por se tratar de um prego enferrujado, ficou de certa maneira feliz por ter encontrado a solução para um problema que há algumas semanas vinha incomodando.

A tira do seu querido chinelo a todo o momento escapava e então se lembrou de um método muito antigo, de conhecimento de grande parte das pessoas, que consiste em colocar um prego na tira sob a sola do calçado. Resolvido o problema veio à tona em sua mente hipocondríaca o perigo do tétano. Não lembrava se era vacinado, começou a suar, o coração a pular e sentiu a morte se aproximando. Em pânico, mancando, com o pé sangrando foi até ao posto de saúde mais próximo. Lá chegando fez um escândalo dizendo a um médico, nada simpático, N motivos que estava à beira da morte. O médico receitou um comprimido qualquer contra qualquer dor e pediu que se retirasse do consultório, porque havia ainda setenta e sete pessoas para serem atendidas. Advanleudson ficou indignado e fez algumas ameaças caso acontecesse algo com seu pé ou com a sua vida. Não queria se retirar enquanto não fosse devidamente examinado, mas dois seguranças do posto de saúde a pedido do médico o retiraram para rua. Depois da cena, um comentário soou pelos corredores:

- Sujeitinho bem chato...

Chatice era o grande problema de Advanleudson e a causa da sua solidão. Suas únicas companhias eram a mãe surda e uma gata arisca que, ao escutar os passos do seu dono, escondia-se. Mas esse defeito garantiu o seu digno emprego de vendedor de enciclopédia, e depois do que aconteceu com seu pé decidiu comprar com seu suado salário um calçado diferente do chinelo e da galocha. Comprar um tênis era o seu novo objetivo e, caminhando pelo calçadão de Santa Maria, visualizou uma loja Eny. Um festival de calçados na

vitrine o confundia: qual era o melhor, o mais resistente e confortável para os seus pés? Entrando na loja, uma moça de uns vinte anos, com cabelo preto, ainda usando aparelho nos dentes, nem magra, nem gorda, muito bonita, com um ar de inocência dissimulada veio lhe atender gentilmente. A moça parecia cursar publicidade e propaganda em alguma faculdade, pois chegou falando um “slogan” pronto:

- Eny calçados, “n” motivos para você comprar, em que posso lhe ajudar?

- Quero um tênis resistente a pregos.

- Trabalha em alguma construção?

- Não, só não quero mais pisar em pregos enferrujados.

A moça achou muito peculiar o seu freguês que usava um chinelo velho e que procurava um tênis resistente. Em três meses como atendente nunca tinha ouvido um motivo tão particular como um tênis para proteger contra pregos enferrujados. Por educação resolveu perguntar o nome do cliente.

- Advanleudson e o teu?

- Isadora.

- Quer comprar uma enciclopédia?

Isadora conteve uma risada, mas respondeu sorrindo:

- Não obrigado, aqui sou eu quem vende. Qual o seu número?

- Qual? RG? CPF? Telefone?

- Não moço. Estou perguntando o número do pé, do tênis, entendeu? – Isadora se segurava para não gargalhar na frente do freguês.

- Ah sim... Quarenta num pé e quarenta e dois no outro. Não sei se percebeu também, mas tenho dois pés esquerdos...

Isadora olhou rapidamente para baixo, porém não identificou nada de diferente nos pés do freguês, nem que eram um maior que o outro.

- Os seus pés são normais moço, por que esse pedido? É alguma superstição?

Advancleidson estava se sentindo muito bem com a companhia de Isadora, pois normalmente as pessoas não trocavam tantas palavras com ele, sentindo certa intimidade se permitiu pronunciar o nome da vendedora:

- Não Isadora, eu vou explicar. Olha aqui esse calo nesse pé, me arde, por isso prefiro um número maior para ele. E quanto a usar um par de tênis do pé esquerdo, isso vem da infância, quando jogava futebol com meu falecido pai. Eu não era muito bom e ele dizia que eu tinha dois pés esquerdos. Sempre usei pares de calçados esquerdos.

“Que figura!”, pensava Isadora. Teria de explicar para Advancleidson que a loja não estava acostumada com esse tipo de vendas e percebendo se tratar de uma pessoa diferenciada, um pouco carente e solitária, decidiu conversar com carinho.

- Advan, não podemos fazer esse tipo de venda, tem que ser um tênis do pé direito e outro do pé esquerdo e do mesmo tamanho. Tudo bem querido?

Advancleidson saiu de órbita, flutuava, tinha se entorpecido com uma droga tão ilícita para ele chamada amor. Quem em toda a sua vida havia diminuído o seu nome com tanto carinho? Nem seu pai, nem sua

mãe e nem ninguém. Ficou sem palavras olhando encantado para o rosto sorridente de Isadora até que voltou a si quando ela cutucou o seu ombro.

- Está tudo bem? – perguntou docemente Isadora.

- Sim, sim, sim... Eu compro... Eu compro...

A partir desse dia o Hawaii e o chinelo foram esquecidos, o seu xodó era o par de tênis da loja Eny vendido pela mulher mais bonita e carinhosa do mundo chamada Isadora. Nos dias que seguiram passava quando podia pela frente da loja e ficava por horas olhando as vitrines a espera de Isadora. Nos primeiros dias ela correspondia com acenos e sorrisos, mas com o passar do tempo começou a ficar com medo pensando se tratar de um maníaco. Um dia Advancleidson ficou a tarde inteira na frente da loja esperando Isadora sair do seu trabalho todo encharcado sob a chuva. Todo o seu amor escorreu junto com a água da chuva para o bueiro mais próximo, porque assim que Isadora saiu tinha alguém lhe esperando com um grande guarda chuva e com um beijo que a fazia esquecer o dia de trabalho cansativo.

Tirou os tênis vendidos por Isadora, jogou-os no lixo e com os pés no chão vagou por Santa Maria desiludido embaixo de uma chuva de abril. Foi internado com sintomas de pneumonia, mas enfim recuperado um dia andava cabisbaixo pelos corredores do hospital até que encontrou um pé torto feminino ao lado do consultório de ortopedia.

O jovem e o equilibrista

Vicente Gilberto Isaia

A cidade acordou em festa. Era um dia muito especial e, ansiosamente, aguardado pelo povo santamariense. Até o sino da Catedral Diocesana parecia badalar mais alegremente, anunciando a missa matutina. Um jornaleiro, conhecido por todos pelo apelido de galo rouco, caminhava rapidamente e com passos largos, subindo a Avenida Rio Branco. Divulgava com gritos fortes e estridentes as manchetes do dia, entre as quais, o espetáculo que ocorreria, inédito para a história de Santa Maria. Durante toda aquela semana, a imprensa local convidava, com insistência, a população para assisti-lo.

Naquela época, o canteiro central da Avenida era ornamentado com belas árvores, não muito altas, nas quais canarinhos, sabiás, cardeais, joões-de-barro, beme-vis saltitavam em seus galhos. Ouvia-se o som dos apitos dos trens e das oficinas da Viação Férrea em meio ao cantar dos pássaros. Em certos dias de vento norte, escutava-se o sino da Estação, entre o farfalhar dos galhos e das folhas, prenunciando a chegada ou a partida de algum comboio ferroviário. Durante o dia, era

comum perceber-se o agitar frenético das pessoas circulando pela via pública, a pé ou em carros de praça. Os hotéis, próximos à gare, estavam quase sempre com a sua lotação esgotada. Viajantes comerciais, portando sacolas ou malas, adentravam as casas de comércio para vender os seus produtos. Eles eram facilmente identificados pelo linguajar e pela roupagem diferente.

Durante minha infância e juventude, fazia parte de um grupo de amigos. Éramos colegas de escola. Nos finais de semana ou ao entardecer, correr com carrinhos de lomba, rolar pneus vazios, jogar futebol, no leito da Avenida, ou empinar pandorgas eram os folguedos que mais nos atraíam. Disputas acirradas, em nossos jogos, muitas vezes, terminavam em rixas, entre os competidores, que eram prontamente apartadas pelos espectadores e, logo esquecidas. Gostávamos, também, das excursões que fazíamos pelos morros que circundam a cidade.

Recordo-me, muito bem, de que era o ano de 1957 e naquele dia, deixamos nossas brincadeiras de lado e fomos assistir ao espetáculo tão ansiosamente aguardado. À medida que se aproximava a hora marcada para o seu início, as pessoas se aglomeravam nas imediações da Escola Industrial Hugo Taylor, conceituado centro de educação, localizado na Avenida Rio Branco próximo à Catedral Diocesana. Fui me infiltrando, entre a multidão, até ocupar um lugar quase ao lado dos artistas. Meus amigos ficaram logo abaixo, ao lado de um pipoqueiro e sua carrocinha. Alguns me acenavam alegremente, outros saboreavam pipocas.

Do terraço do Edifício Mauá, localizado na esquina da Avenida com a Rua Silva Jardim, partia um cabo

de aço comprido e calibroso que se estendia até o solo. Desde pequenino, acompanhei a construção desse edifício, até a sua conclusão em 1950, pois morava em suas imediações. Gostava de brincar, com meus pais, no canteiro de obras e de rolar nos seus montes de areia branca e límpida. Crescemos juntos. Ele se tornou um prédio majestoso, com vários andares, um dos maiores da cidade, ostentando, bem no alto, um grande letreiro onde estava escrito: Calçados Clark. Essas palavras estavam entre as primeiras que me ensinaram a soletrar durante minha alfabetização.

O andar térreo do Edifício Mauá, naquela época, abrigava uma das três lojas das Casas Eny, dedicadas ao comércio de calçados. As outras localizavam-se em frente à Praça Saldanha Marinho e próxima à Catedral Diocesana, esta com o nome de Casa Suely. Conhecíamos muito bem essas lojas, especialmente a do Edifício Mauá. Éramos amigos dos funcionários e de seus diretores, que nos acolhiam sempre com carinho e participavam, muitas vezes, de nossas brincadeiras. Presenteavam-nos com caixas de sapato vazias, papéis de embrulho, cordões e fitas, com os quais construíamos casas, edifícios, castelos e trens, ou imaginávamos outros passatempos. Seguidamente, vestindo nossas calças curtas com suspensórios e calçando sandálias permanecíamos acorados na entrada da loja ou em seu interior, ou até mesmo em suas vitrinas, observando os clientes experimentarem os mais diversos tipos de calçados, como: sapatos, chinelos, galochas, alpargatas. Mas eram os tamancos que mais nos divertiam pelo barulho trepidante que causavam e pelo modo estranho das pessoas ao caminharem com eles.

Fez-se um prolongado silêncio entre os presentes. Havia uma forte expectativa sobre o que aconteceria. Então, um jovem artista, com idade em torno de 20 anos, começou a escalar o cabo, equilibrando-se com uma vara de aço que segurava entre suas mãos. Sem vacilar, concentrado e com muita coragem, pois não tinha rede de proteção, ele subia progressivamente, olhando sempre em frente e na direção do topo do prédio. Seus passos eram lentos e firmes. Seus pés, apesar de estarem bem agarrados ao cabo de aço, pareciam deslizar no ar. Sob o olhar atento de outros artistas que o incentivavam a cada instante, chegou finalmente ao terraço do edifício. Lá de cima, ele acenou uma bandeira branca para a multidão estupefata, que o aplaudiu calorosamente. Logo após, retornou ao ponto de partida, dessa vez com passos mais rápidos, mas sempre firmes e resolutos. Ao chegar no solo, foi novamente ovacionado, recebendo abraços das pessoas que estavam muito emocionadas. E para encantamento do público, aqueles artistas, oriundos da Áustria, apresentaram outras atrações, demonstrando perfeita técnica de equilíbrio físico e emocional.

O espetáculo acabara. As pessoas já tinham se deslocado para suas casas. A equipe desmontava toda aquela parafernália de ferros, canos, cabos, fios, varas, e colocava tudo sobre a carroceria de caminhões que se dirigiam à Estação da Viação Férrea para serem transportados em vagões a outras cidades. Todavia, eu permaneci ali, por longo tempo, absorto e triste pelo fim da inesquecível exibição. Naquela noite, não consegui dormir, pensando na bela demonstração pública

daquele equilibrista, no seu exemplo e na mensagem que nos havia deixado.

Mais de cinquenta anos se passaram. Da mesma forma que as árvores da Avenida Rio Branco cresceram, tornaram-se frondosas, solidificando suas raízes, as três Casas Eny se desenvolveram, e se expandiram.

Elas acompanharam a rápida e crescente evolução tecnológica que nossa sociedade vivenciou nas últimas décadas. Tal qual aquele equilibrista, souberam enfrentar com galhardia os desafios que surgiram em seu caminho. E por este trabalho dedicado e competente de seus diretores e funcionários, que direcionaram sempre seu olhar para o futuro, foram inauguradas novas e modernas lojas em nossa cidade e no Estado.

Assim, as lojas, o equilibrista, o meu grupo de amigos, as nossas brincadeiras, o apito dos trens, o toque do sino, o jornaleiro, o viajante, o pipoqueiro não ficaram apenas como belas e inesquecíveis lembranças, mas fizeram e fazem parte não só da história de Santa Maria como também da minha história.

Pés Chatos

Andréa Cortiana

Não lembro que idade eu tinha. Era pequena. Bem pequena. Mas lembro do episódio. Em uma das visitas de rotina ao pediatra, na capital do Estado, saí com um diagnóstico terrível: eu tinha “pés chatos”.

Oh, Deus! O que seria aquilo? Seria contagioso? Mortal? Iria se espalhar e logo eu seria chata por inteiro?

Meu pai, de imediato, tratou de dissipar os meus temores. Explicou que, com os tais pés chatos, eu não teria um andar elegante com o da Marta Rocha (ícone de beleza da época), mas sim caminharia feito uma pata. E que isto era muito feio para uma menina que sonhava em ser uma miss...

Felizmente, este problema tinha tratamento: era só eu usar, durante um bom tempo, uns sapatos especiais, que devolveriam a curvatura aos meus pés.

Para eu entender melhor, e também para me distrair de “tamanha tragédia”, me levou ao zoológico em Sapucaia, onde me detive por um bom tempo a analisar o caminhar da pata, saindo da água com seus pati-

nhos. Para dizer a verdade, achei aquilo lindo. Bem mais do que os desfiles da Marta Rocha...

E assim, meus amados chinelinhos foram substituídos por botas ortopédicas - uma espécie de sapatos pretos pesados e horrorosos - que eu tinha de amarrar e usar todos os dias.

Obviamente, odiei. Ainda mais no colégio, ao ver todas as coleguinhas saltitando de tênis ou com lindos sapatos estilo boneca.

Na esperança de sapatos novos, eu raspava e batia o bico das botas no muro, o que de nada adiantava, a não ser causar mais despesas aos meus pobres pais.

Ninguém entendia por que eu não ia para o pátio, brincar com as outras crianças, na hora do recreio. Comecei a ficar arredia e a biblioteca do colégio era meu esconderijo predileto. Lá, junto aos livros, eu esquecia o meu drama e nem ouvia o sino que avisava que era hora de voltar para a aula, enlouquecendo as professoras que ficavam me procurando.

Como resultado, apesar de “matar aulas”, lia muito e aprendia mais ainda. Bem mais rápido que as outras crianças. Naquele tempo, isto era outro fator a ser somado em minhas estranhezas.

Sem saber como agir comigo, e, para o desespero de meus pais, acabaram me encaminhado para um terapeuta infantil, que deve ter levado séculos para descobrir (se é que descobriu) a principal causa de meus males: os pés chatos.

Tempos depois, eu já era uma mocinha (sete anos e meio) e ainda usava as famigeradas botas. Estávamos nas férias de julho e meu pai resolveu que faríamos uma viagem diferente: iríamos à Santa Maria de

trem, para depois visitar os parentes, mais no interior ainda.

Aquela viagem, que para os adultos parecia interminável, foi uma grande aventura. Quando chegamos, minha mãe já estava exausta, pela noite mal dormida e de tanto correr atrás de mim pelos vagões do imponente trem. Só dormi - mesmo com as chacoalhadas - após lanchar no vagão restaurante e provar uma gasosa de sabor indescritível: uma deliciosa Cirillinha.

Após o desembarque naquela estação movimentada, fomos para um hotel muito chique, na Avenida Rio Branco e, para que minha mãe descansasse, saí com meu pai para explorar a cidade.

Era cedo e fazia um frio gostoso. A cidade ainda estava envolta por uma neblina que eu não conhecia. Os comerciantes começavam a abrir as portas de suas lojas e as pessoas todas se cumprimentavam. Tomamos café em uma tradicional confeitaria do centro da cidade, com gostosas rosquinhas e então, seguimos nosso passeio.

As vitrines eram bonitas, os prédios me pareciam imensos e sólidos, com suas fachadas esculpidas cheias de bonitos arabescos.

Ao voltarmos para o hotel, do outro lado daquela larga avenida, foi quando tudo aconteceu. Larguei da mão de meu pai e parei, estupefata, diante daquela vitrine em uma loja de esquina. Todos os sapatos, sandálias e chinelinhos do mundo pareciam estar ali expostos, olhando para mim.

Eu deveria estar em transe e quando meu pai fez menção de seguir rumo, suspirei com minha tristeza

profunda e infantil, ao lembrar dos meus sapatos horrosos.

Meu pai, com sua imensa paciência e sensibilidade, me explicou que aquela era a Casa Eny, uma das lojas mais importantes e conhecidas no comércio calçadista do interior do Estado. Nem acreditei quando me convidou para entrar e pediu a um simpático e solícito vendedor que trouxesse todos os calçados que eu escolhesse para experimentar.

Depois de algum tempo, saiu da loja, com uma sacola que continha três caixas de sapatos e com a criança mais feliz do mundo, calçando reluzentes sapatinhos do estilo boneca, cor-de-rosa e com uma fita de cetim no abotoamento lateral. Para arrematar, uma elegante bolsinha de alças curtas.

As botas ortopédicas, seriam doadas para quem necessitasse mais delas, declarou ele.

O tempo passou e Santa Maria veio a ser a cidade do meu coração e destino. Não fui modelo nem miss e às vezes ando como “pata choca” circulando pelo calçadão atrás de meus “patinhos”. Ainda gosto de ler e, por vezes, até me atrevo a escrever algumas linhas.

Hoje em dia, não existe mais o trem de passageiros, nem o hotel chique da Avenida. Algumas pessoas de minha infância também já não estão aqui e caminho com os próprios pés, bem bonitos, por sinal.

Pés chatos, atualmente, são corrigidos com o uso de uma simples palmilha ou, então, apenas, andando descalço pela areia ou gramado.

Mas, graças a Deus, ainda existe a Casa Eny, que, embora tenha trocado de lugar, até expandiu seus negócios por outras paragens.

E eu continuo a admirar suas vitrines, cada vez mais louca, mas por sapatos. Só eu compreendo a alegria que me dá ao sair da loja com mais um modelito de salto alto, bem colorido e uma bolsita para combinar.

Sinto-me, ao invés de mãe “pata”, a própria Marta Rocha, ou até a Gisele Bündchen, para ser mais moderna. Coisas da infância.

Conto dos Sapatos de Sonhos

Isadora Lopes

Naquele final de tarde, a menina viu a mãe, toda apressada, guardar uma sacola da casa Eny, no “*closet*” do quarto de seus pais – território proibido para suas mãozinhas curiosas.

Será este o meu presente de dia das crianças? Vou descobrir logo - pensou a menina.

Encantada, ficou observando a transformação da mãe, que trajava um vestido lindo e sapatos de salto alto, toda arrumada para um jantar daqueles “só para adultos”, dos quais ela sempre era excluída.

Após um beijo e mil e uma recomendações, os pais, muito elegantes, finalmente saíram, deixando-a com a babá que, por hábito, nunca perdia a novela das oito. Ocasão perfeita para executar seu plano, pois a bondosa criatura só saía da frente da televisão em caso de calamidade pública.

Disfarçadamente, como quem iria dormir, a menina tomou a direção do outro quarto, abriu o “*closet*” e deparou-se, de um lado, com vários vestidos, e, de outro, com muitas caixas empilhadas, cuidadosamente fechadas.

Meu Deus, quantas maravilhas! Mas onde estará a caixa que estava dentro daquela sacola que a mamãe escondeu?

Vagarosamente, foi abrindo uma a uma das caixas e aí não se conteve: diante do espelho, começou a experimentar todos os sapatos que encontrava.

A primeira era uma bota de verniz e cano alto que, para ela, chegava quase à altura das coxas. Ficou meio estranho, mas ela sentiu-se como uma famosa modelo desfilando em uma passarela.

Na próxima caixa, havia um par de tênis, que, apesar de grandes para os miúdos pezinhos, fizeram-na imaginar que era uma saltadora de obstáculos, daquelas que havia assistido nas olimpíadas e que a fariam transpor barreiras até chegar à vitória.

Na outra, belíssimos sapatos vermelhos – desta feita, sentiu-se uma atriz de cinema, internacionalmente conhecida.

Alguns sapatos mais tarde e a menina, finalmente, encontrou aquela que parecia ser a sua. Apesar da dificuldade para enrolar depois, desfazer aquele lindo pacote e abrir aquela caixa foi irresistível.

Seus olhinhos brilharam de contentamento ao experimentar um par de sapatilhas cor-de-rosa, enfeitadas com fitas e brilho, que serviram direitinho. Neste momento, ela era uma princesa, com um vestido lindo e uma coroa de flores na cabeça, passeando em um jardim, montada em seu pônei lilás.

Rodopiando diante do espelho, a menina perdeu a noção do tempo e foi surpreendida por seus pais, que entre zangados por sua desobediência e encantados com sua alegria, há muito a observavam.

Envergonhada, foi pedindo desculpas, prometendo arrumar toda a bagunça.

A cada sapato que guardava, contava para a mãe como se sentira quando os havia experimentado.

Notando que sua pequena travessa já estava cansada de tanta arrumação, a mãe suspirou e a pegou no colo, levando-a para cama. Acariciou seus cachinhos e disse: Dorme princesa! E já podes ficar com o teu presente.

Assim, a menina adormeceu feliz - abraçada em seus sapatos de sonhos - na certeza de que a Casa Eny vende sapatos mágicos, que nos conduzem a qualquer lugar.

E que ninguém, mas ninguém mesmo, duvide disto.

Uma História em Laranja e Branco

Leandro Cardoso de Oliveira

LEle acordou intrigado aquela noite, tivera um sonho estranho, sobre um certo tênis laranja. Provavelmente se ele contasse para alguém, iria ser chamado de louco, mas ele estava determinado a, naquele mesmo dia, comprar o tal tênis laranja. E justo laranja, pensava ele, vai ficar ridículo, mas assim ele começou o dia e levantou da cama, determinado!

Ela acordou assustada, suava frio. Estava tão preocupada com o trabalho que não tinha muito tempo pra sonhar, estava atrasada pro plantão do hospital, vestiu sua roupa toda branca de médica e assim foi para o serviço, atrasada!

Ele andava inseguro pelas ruas da cidade, ainda não se conformava que estava procurando um tênis laranja. Não era supersticioso, mas por algum motivo aquele sonho o marcou. Andando pela cidade, gastou a sola do seu velho tênis preto, um deles, pois eram todos pretos os seus calçados, mas isso iria mudar quando encontrasse o sapato de seus sonhos, literalmente.

Ela era sempre cuidadosa no serviço, mantendo sempre branco o seu uniforme, era assim que tinha que ser, com cuidado, com precaução, trabalho, trabalho, trabalho, por conta do ofício, seus calçados eram todos brancos, e, de fato, estavam sempre brancos.

Já acabava a manhã quando ele concluía suas buscas, foi ali, na Eny do Calçadão mesmo que encontrou seu tão sonhado tênis laranja. Sentia-se ridículo, mas decidiu sair da loja com os tênis nos pés. Estava faminto, e como sempre, seu almoço seria um cachorro quente com coca-cola no centro da cidade.

Era horário de almoço no hospital, e lá ia ela repetir o lanche de todos os dias, um sanduíche natural e suco de maracujá... no centro da cidade.

Ele comia parado, de pé, no meio da calçada, foi assim que ela o avistou, com aquele tênis laranja, a camisa amarela manchada de maionese e um ar de satisfação no rosto. Por algum motivo ela se aproximou, com seu sanduíche natural e a roupa branca. E quando parou, na frente dele, percebeu que haviam sido feitos um para o outro, tudo por causa do calçado que ele usava, laranja.

Ela começou a conversar e, no primeiro passo que os dois deram, ele tropeçou e manchou o sapato branco da menina com mostarda. Nesse momento ela só teve uma certeza, era aquilo que faltava na vida dela, um pouco menos de preocupação, um pouco mais de mostarda... e um tênis laranja.

Reflexos (da vida) na vitrine (da Eny)

Rafael Gallina Krob

Laurinha era uma moça tímida. Jovem e bela, porém tímida. Tinha boas amigas, mas sua grande companhia eram mesmo os livros escolares. Estudante comprometida, não descuidava dos estudos. Faria vestibular “na federal” ano que vem, “sacou?” E “marcar passo em cursinho” não era o seu estilo. O calçadão, seu caminho diário. Por lá passava ela, entre tantas idas e vindas de sua casa ao colégio. E naquela época, os sábados de manhã no calçadão eram diferentes. Este deixava de ser apenas um mero aglomerado de lojas a céu aberto e transformava-se também, em ponto de paquera (talvez ainda seja até hoje). Após o último turno de aula, lá estavam os estudantes. Entre conversas, risos e planos para o fim-de-semana, o “namoro de jacaré” corria solto. Olhos daqui cuidavam os olhos de lá. E os olhos de lá cuidavam os olhos daqui, mas sempre fazendo de conta que não estavam “nem aí” para os olhos daqui. Alguns já haviam superado esta “fase réptil” inicial e circulavam de mãos dadas. Outros, como diria a gíria, já “trocavam chiclete” encostados em uma coluna qualquer.

E Laurinha tinha uma paixão. Platônica, infelizmente. E o rapaz, ingênuo que era, nem a notava! Ficava lá ele na sua roda de amigos, falando alto e gesticulando. Contava mil histórias, que iam desde as ralhadas recebidas da diretora da escola até os planos mirabolantes para escapulir com o carro do pai na noite de sábado. “Causos” tão mirabolantes que mereciam no mínimo, uns 80% de desconto à vista no cartão Eny para serem bem digeridos...

Numa dessas manhãs ensolaradas, a digna moça tentava mostrar às amigas quem era o seu príncipe. O calçadão fervilhava e ela tentava ser discreta. Lá estava ele, quase do outro lado, papo e papo. E no lado de cá, bem na frente da vitrine da Eny, ela e as amigas olhavam meio de canto de olho.

- Quem éééé...? É o loiro de óculos?

- Aquele feioso? Nãããooo...

- Então, já sei, é aquele com o abrigo do Centenário e jeitinho de surfista?

- Nãoooo, estás louca, guria?

Difícil. Laurinha era discreta demais para ficar simplesmente apontando o dedo deliberadamente. E temia que o alvoroço das amigas a denunciasse. Foi quando teve uma idéia. Virou-se para a vitrine da Eny e apontou:

- É daquele sapato vermelho ali que eu gosto...

Atônitas, as amigas entreolharam-se. Teria a paixão enlouquecido os neurônios da amiga? Mas, ela insistia e cutucava com o dedo no vidro:

-... aquele ali óóóóó...

Foi quando suas amigas perceberam. Laurinha aparentava apontar para um belo scarpin vermelho.

Mas, na verdade, o dedo indicava no vidro da vitrine o reflexo do seu bobinho encantado que pairava no meio do calçado.

- Ahhhh... então, é este o sapato... o vermelhooo!
- falou a Débora.

- Que lindo! - disse a Ana.

- En-can-ta-dor - lascou Luciana.

Desde então, semanalmente as meninas passaram a admirar o belo sapato vermelho na vitrine. Sempre de frente para a vitrine e de costas para o calçado, cutucavam com as unhas o reflexo do rapaz no vidro.

- Olha ele ali...

- Sapato lindooo... - já exclamava uma mais exaltada.

Isto prosseguiu por mais uns três sábados, talvez. Curiosamente, os produtos da vitrine iam mudando. Sapatos saíam, sapatos novos chegavam. Mas só aquele, o scarpin vermelho e bicudinho ainda lá resistia.

Até que num sábado o inesperado aconteceu. O príncipe resolveu deixar de ser sapo e assumiu o seu papel! Aproximou-se do grupo das meninas. Elas, pasmas. Nem piscavam! Fitou a todas e encarou Laurinha:

- Oi, tudo bem? Meu nome é Rogério. E o seu?

- Oi... s-s-sou La-lauri-nha...

Depois de um óbvio “você vem sempre aqui?” a conversa engrenou. E engrenou tanto que o rapaz marcou um encontro com a donzela para aquele sábado à noite em um bar da moda. E Laurinha aceitou na hora, lépida e faceira. E quem diria! Naquele sábado mesmo, após semanas exposto na vitrine, o belo, vermelho e bicudíssimo scarpin finalmente saiu da vitrine... Como? Quem comprou? Você ainda pergunta...

O sapato vermelho

Alfran Caputi

Sábado, 21 de novembro, dez horas da manhã, Eloíza e sua filha Elza entravam nas Casas Eny. Ela teria de comprar um par de sapatos para um evento social. Depois de duas horas – apesar da abundância de modelos e do bom atendimento –, muito ranzinza, finalmente encontrou o pretendido sapato. Ela era assim, demorava a se decidir, mas uma vez decidida, sabia que havia feito a melhor escolha. Teria um sapato confortável, bonito e de muita durabilidade.

Sexta feira, 11 de dezembro, Renato está no calçadão da Bozano, na boca da galeria. Aproxima-se seu amigo Roberto. Amigão, irmão mesmo, que há algum tempo não via. E as novidades? Roberto vai logo contando: nunca pensei que emprestar um carro me trouxesse tantos problemas!

Conta que, num belo domingo de primavera, viajava com sua mulher, a sogra e uma cunhada, para um casamento em Cacequi. Seria um casamentão, lá estariam muitos convidados, vindos das mais diversas regiões do estado e do país. Capricharam na vestimenta, afinal, teriam de fazer boa figura na festa.

A viagem transcorria normal, e a conversa estava animada. Foi então que surgiu o problema. Ao fazer uma curva mais fechada – ali, antes um pouquinho daquela reta que leva à ponte sobre o rio Ibicuí –, debaixo do banco do carona, escorrega um lindo sapato de mulher. Um sapato vermelho, de salto e bico fino, muito bonito. Meu amigo ficou pálido. Como iria explicar a presença daquele sapato estranho em seu carro? Ainda mais na presença da sogra, aquela jararaca que já vinha atormentando sua vida. O pior é que desta vez ele era inocente. Isto só podia ser coisa do seu colega, a quem havia emprestado o carro no dia anterior. Mas como explicar? Quem acreditaria? O problema era grave e exigia uma solução urgente.

Dirigindo e pensando, dirigindo e pensando... A ponte... Aproximavam-se do rio Ibicuí. A ponte... Eis a solução! Vagarosamente, para que ninguém notasse seus movimentos, Roberto pegou o maldito sapato e jogou-o pela janela do carro. Caiu lá dentro da água. Beleza!! Foi-se o problema, levado pela correnteza. Seguiram viagem tranqüilamente. Chegaram à frente da igreja Nossa Senhora das Vitórias, onde seria o casório. Desceu Roberto, desceu sua mulher, e desceu a cunhada. A sogra não desceu. Voltaram ao carro para ver o que estava acontecendo. Deram com a jararaca enfurecida, procurando um pé de seu sapato novinho, que ela havia tirado para aliviar os calos.

Roberto desapareceu igreja adentro. Como resolveram o problema não sei. Mas o desaparecimento do sapato foi comentário durante meses e meses, tanto em Cacequi como em Santa Maria.

Meses depois, lá para os lados do Loreto, depois que o rio fez três ou quatro curvas, um morador ribeirinho lançou sua tarrafa na água. Era sempre assim que conseguia reforçar as refeições da família. Ao recolher seu instrumento de pesca, junto com dois ou três peixinhos, veio um brilhante sapato vermelho. Lindo, com um salto tão alto e um bico tão comprido como nunca se havia visto naqueles rincões desertos. Chegando a casa, deu aquele único sapato para sua mulher, dizendo que ele era muito bonito para ser jogado fora.

Rosa, mulher do pescador, era daquelas poucas pessoas da localidade que sabia ler. Olhou o sapato, maravilhada, e logo viu a etiqueta no lado interno do solado: Eny. Como um turbilhão, vieram à sua mente os sonhos do passado, quando era criança e ouvia no rádio de seu velho pai: calçados Eny... Eny é sinônimo de calçado... Eny calçados... E viajava em sua imaginação. Passeios na praça... Bailes... Cinema...

Delicadamente, como se fosse um ícone sagrado, Rosa colocou o sapato na prateleira tosca que havia na parede de seu rancho. Um sonho realizado. Ela tinha absoluta certeza de que, um dia, seria proprietária de um sapato Eny.

Vai na Eny Calçados, pra não ter erro

Tiago Keller Ferreira

JExistem certos ditados que devemos levar ao pé da letra. Quem nunca ouviu o seguinte ditado: “o barato sai caro”? Sempre achei que esse ditado era “balela” de vendedor, porém alguns fatos recentes modificaram minha opinião sobre esse ditado, e hoje, com certeza, ele está na minha lista de ditados que devemos levar ao pé da letra.

Estava em uma das minhas tarde de folga do trabalho, quando ouço o telefone tocar. Atendo o telefone, e sem dar tempo de dizer olá, minha mãe dispara do outro lado:

- Filho, urgente, preciso de um favor seu.

- Sim, boa tarde pra você também senhora Ferreira, pode falar. (Soltei com maior tom irônico possível!)

- Tá, engraçadinho! Tua avó precisa comprar um sapato para ir no casamento da tua prima e eu não posso levá-la ao centro hoje. Quero que você vá com ela comprar um sapato.

Eu já ia dar alguma desculpa, quando ela continua sem me dar brecha:

- Aproveita e paga o sapato para ela, já que você não se prestou nem sequer para comprar uma lembrança de aniversário para ela mês passado!

Pensei comigo: pronto, minha cruz! Depois de todo sermão, só me restava uma alternativa:

- Sim, levo a vovó.

Já estava desligando o telefone quando minha mãe fala sua última orientação:

- Vai na Eny Calçados, pra não ter erro.

Bastante injuriado, comecei a arrumar minhas coisas para ir buscar a vó. Pensei comigo: vou pegar a vó, paro na primeira loja de calçados que aparecer, pego o mais barato e pronto! Em meia hora me livro dessa! Plano elaborado, hora da ação.

Busco minha vó, levo-a até o carro e saio à busca de uma loja de calçados. Logo em duas quadras avisto uma loja. Paro o carro e ajudo minha vó a descer. Ela olha para a loja e fala:

- Meu querido onde tu me trouxeste? Não é aqui que venho com tua mãe.

Respondo prontamente sem a deixar argumentar.

- Vó, aqui é ótimo, tudo bom e barato, vai por mim.

Entramos na loja e aí começa minha verdadeira angústia. Minha vó começa a provar sapato por sapato. Mas não era um simples provar, minha vó tinha todo um procedimento que ela seguia ao pé da letra. Ela pegava o sapato torcia duas vezes para dentro, torcia uma vez para a esquerda e depois para direita. Investigava as costuras e a cola, depois de aprovado na sua primeira fase, ela passava para a parte da prova

em dava três voltas pela loja e mais dois pulinhos no final. Depois de trinta e cinco minutos, estando ela em sua quinta prova, o vendedor já dava sinais de impaciência, e eu sentado e quieto até então. Esforçava-me para ser o mais paciente possível, afinal minha vó sempre foi um amor de pessoa, e o que era perder três horas (já estimava eu) em uma loja de sapato?

Foi quando aconteceu: em seu sexto sapato, durante a primeira fase de testes de minha vó, ouço um grande “CRACKK”. Quando olho para a cara do vendedor, viro meus olhos para o sapato que vovó tinha em mãos e percebo que ele está partido ao meio! Minha vó na maior calma me olha e diz:

- Meu neto! Esse aqui não prestava não. Acho melhor nós irmos à Eny.

Muito encabulado, olha para o vendedor e falo:

- Embala esse último. Tudo bem, prejuízo é meu.

Saio da loja e vamos agora direto em direção à Eny Calçados. Entro na Eny e logo um vendedor vem me atender. Imagino toda uma introdução ao vendedor para explicar o processo de testes de minha vó. Então percebo o vendedor sorridente cumprimentando minha vó, falando:

- Como vai dona Leopoldina, como é bom vê-la novamente por aqui, vamos lá atrás que tenho uns sapatos que você vai adorar.

Olho para o vendedor, e esse me fala.

- Pode ficar tranquilo que cuidamos bem de dona Leopoldina, já nos conhecemos bem.

Aliviado e surpreso, paro e penso: Tá aí outro ditado para minha lista de ditados que devemos seguir ao pé da letra: Vai na Eny Calçados, pra não ter erro.

PARTE II
Autores Convidados

Sapatos "sob medida" ...

Tânia Lopes

Calça n.º 35

A minha amiga regulava de idade comigo e ia comprar o primeiro sapato de festa , iria ao seu primeiro baile! Naquela época, o ritual de passagem de menina para moça pedia saltos! Fui convidada para ajudar na escolha. Perfilaram na nossa frente alguns pares de sandálias, lindos, coloridos discretos, saltos 5 e 7, por aí. Já que a mocinha nunca havia usado saltos, precisava adaptar-se. Eu, em volta, "palpitava", já que conhecia o vestido mandado fazer na costureira. E conhecia também o jeito largo do pé da amiga, acostumada a correr comigo e andar descalça nas correrias na cidade pequena. Por isso - e também pelo espírito libertário que já nos caracterizava - eu sabia que seu pé não era afeito às coisas apertadas.

A amiga calçava um sapato, dava uma volta, trocava, dava outra volta e se via refletida no espelho. A escolha foi feita! Uma sandália Chanel, que na época já era um luxo, símbolo de finesse e requinte. Antes de mandar embrulhar os sapatos, a irmã mais velha pôs a mão no meu ombro e falou:

- Agora escolhe um pra ti!

Nossa! Embasbaquei. Fiz, encabulada, a tradicional negativa, dizendo que não precisava etc., mas ela insistiu: eu também merecia um sapato chique, requintado. Resumo: também eu saí da loja flutuando de faceira, sentindo-me a própria Cinderela, com uma sandália da marca que nunca imaginara sequer desejar, imagina comprar!

O tempo passou, e a tentativa de apurar meu bom gosto, digamos, foi infrutífera! Sapato para mim, que sou prática e desprovida de requintes, tornou-se simplesmente um acessório cuja qualidade principal deve ser o conforto. Quando viemos morar em Santa Maria, há muitos anos, ali na esquina da Rua Silva Jardim com a Rio Branco, havia uma Loja Eny, que naquela época já vendia ponta de estoque, muitos sapatos bons. Como era caminho de volta da Faculdade, eu sempre espiava as vitrines.

Um dia me apaixonei por uma Anabela! Entrei, pedi para experimentar um número 35. Estranhei quando o atendente me trouxe um 36. Mas experimentei mesmo assim. Ficou um tantinho folgado no pé esquerdo, sobrava na ponta, mas o direito ficava perfeito (fazia pouco tempo que eu havia quebrado o pé e ele ainda inchava e se ressentia de longas caminhadas). Mas pensei que logo, logo o pé estaria bom e a sandália ficaria folgada. Fiquei em dúvida:

- Aquele da vitrine me parece um pouquinho menor!...

Vi que o senhor titubeou, por algum motivo. Insisti.

- Pois é... Mas está reservado para uma cliente antiga... A senhora pode passar aqui amanhã? Quem sabe ela desiste?

Como eu não tinha o dinheiro mesmo, só estava olhando, disse que sim, que voltaria. No outro dia, lá estava o sapato à minha espera. Na hora de conferir os tamanhos o homem branqueou

- Não pode! Como isso aconteceu? A outra freguesa levou um pé 35 e outro 36! Não posso lhe vender assim... Ela vai voltar para trocar, com certeza! Desculpe... A senhora pode passar aqui amanhã novamente?

Deixei passar uns dois ou três dias e, achando que já havia sido feita a troca, cheguei novamente na Loja:

- E aí? A sua freguesa veio fazer a troca?

- Não, - respondeu desolado o homem - não veio, e eu não sei como entrar em contato com ela. Vai ver nem se deu conta.

Pedi de novo os sapatos, experimentei o esquerdo 35 e o direito 36!

- Perfeito!- exultei - Levo assim mesmo, afinal "re-quinte mesmo é conforto"!

Ante o espanto do homem, expliquei-lhe do pé quebrado. Isso posto, ele resolveu vender assim mesmo. Tive sorte, o tempo começou a esquentar, e muito me serviu aquele estranho par de sandálias 35/36, "costurado" pelo destino, "sola batida" pelo acaso, "moldado" sob medida para mim!

Um pé lá, outro cá

Sione Gomes

Calça n.º 36

Coisa de criança mesmo. Onde já se viu prestar atenção nos detalhes e deixar o principal de lado? A mãe bem que tentava, pedindo silêncio cada vez que nossos cochichos punham em risco a concentração dos que caminhavam ao redor. Nossa capacidade de meditação, no entanto, não durava mais que alguns passos. Durante todo o trajeto, da Catedral ao Parque da Medianeira, o que não faltavam eram assuntos a nos instigar: bebês vestidos de anjinhos, pessoas caminhando com os pés descalços...

Ah, isso era o que parecia mais estranho. O que era a tal "penitência"? Por que estavam andando sem calçados? Essas perguntas ficavam ecoando em nossas cabeças. Sem calçados, justamente na Romaria? Lá em casa, bem cedinho, essa tinha sido uma das preocupações, além da roupa fresquinha e do boné. O alerta era de que puséssemos tênis, sapatilhas... Enfim, deveríamos escolher um calçado bem confortável, já que caminharíamos bastante.

A estranheza também tinha outro componente. Romaria, para nós, não era sinônimo de ausência de calçados. Ao contrário, era uma daquelas épocas em

que nossa casa ganhava ares de lar de centopéias. A homenagem anual a Medianeira, tida como compromisso de boa parte de nossa família expandida, era, também, uma oportunidade de compras para os que moravam fora de Santa Maria.

A tia, apesar de vir da capital, sempre aproveitava para levar vários pares. Eram sapatos, botas, chinelos, sandálias... para ela, para a filha, para o marido, para uma ou outra amiga. Ela não perdia a chance de aproveitar o bom preço que fazia a fama da Eny, que ainda não tinha se expandido para tantos outros lugares, como ocorre hoje. Assim, em cada vinda à cidade, ela passava as vitrinas em revista para conferir as novidades. Era raro voltar para casa de mãos abanando.

No retorno a Porto Alegre, para não sobrecarregar a bagagem já inchada pelas aquisições propriamente, ela deixava para nós a incumbência de guardar as caixas dos calçados por alguns dias. Seriam necessárias para as trocas, caso presentes ou encomendas não servissem ou não agradassem a seus destinatários. Se fosse o caso, logo, logo estaríamos na loja novamente.

A loja "da tia" era a de adultos, claro, na Galeria do Comércio. A nossa, por muito tempo, foi a outra, ali na praça, pertinho da Apesul. Aquela é que conhecíamos muito bem, dos vendedores preferidos à fotografia do gurizinho na parede. Por lá, é que encontramos os calçados para nossa idade: o sapato de verniz com fivela no tornozelo, os tênis para a escola, as sandálias de plástico... Ainda foi lá, a mana lembra bem, que foi comprado o modelinho perolado para usar com a meia de lurex, no melhor estilo Dancing Days. Um luxo! Mas essa já é outra história...

Rosas e Sapatos Azuis

Haydée S. Hostin Lima

Calça n.º 37

Gosto de costurar sonhos e ilusões (minha doença sem cura). Gosto de lembranças que passaram pelo filtro das invenções e das aquarelas favoráveis aos tons pastéis da poesia. Para passar ao papel as recordações juvenis, sofro de versos, então a prosa sai meio torta.

Nesses tempos de fazer compras pela internet, aproveito a memória amarela de fotografias não reveladas que ficaram entre o passado e o presente, para contar de uma determinada compra que provavelmente fiz.

Encontro-me em pleno centro da Cidade Universitária. Não sei que idade tenho. Com seus balcões, a loja é real, mas também é lugar de sonhos e de vidros, exibindo sapatos para se pensar o prazer (sim, havia o prazer de calçar sapatos novos). Por sorte, jamais fiquei gelando o nariz nas vitrinas. Eu era de andar pelo tapete da grande sala a derreter o olhar entre os rapazes que traziam sapatos encantados nas mãos.

Não sei quanto tempo faz. Foi ontem, em outra vida. O que sei é que foi uma pequena e saborosa coisa bem vivida, entre a realidade e a (minha) ficção.

Dentro da recordação, há um parêntese, talvez um nicho de natureza, pois no interior da loja havia rosas, extremas rosas, transparecendo através das pétalas azuis a luz que nascia nos jardins de Itaara.

Agora, tenho certeza que é realidade. E conto que os fregueses deliciavam-se com rosas multicores e cascatas de perfumes (em vasos majestosos), e que ainda se enamoravam por sapatos de todos os matizes e feitios.

Nesse ficar contando, lembro que eu (projeto de fazer poemas), morria de amores por um par de sapatos (daqueles tudo a ver), uma sensação sem precedentes, bem na moda, azuis como as rosas, pequenos, macios, uma paixão, com laço de fita gorgorão. Meus pés sorriram ao sentir-lhes o conforto e a beleza. Paguei aquela alegria e saí da loja.

Com os sapatos, agora meus, embalados em papel cor de rosa, segui para casa e comecei a escrever o futuro.

Fantasia com sapato vermelho

Vitor Biasoli

Calça n.º 38

Desde o princípio foi assim: ele pedia que ela desfilasse para ele. Nua e de sapato de salto. Podia ficar com o colar, mas mais nada. Eles chegavam de uma festa, tarde da noite, e ele pedia: "Tira tudo e fica só com os sapatos". Ela atendia ao pedido dele - mas nem sempre. Quando ela aceitava o jogo, caminhava de uma ponta a outra do quarto até ele se excitar. Ele se sentava na beira da cama e depois pedia para ela vir por cima, com sapato e tudo. Ela dizia que sujaria os lençóis e se deitava de costas. Ele se colocava entre as pernas da mulher, separava-as e as erguia, e acariciava os sapatos, todo o formato dos sapatos.

"Mas eu gostaria que tu viesses por cima", ele comentava depois. E ela falava: "outro dia, eu prometo". "Quem sabe de sapato vermelho", ele sonhava. "Mas vermelho é um sapato difícil de combinar", ela explicava.

Água no pé esquerdoEle era um pacato burguês que todas as segundas-feiras estava de terno e gravata, abrindo a porta da loja de comércio que fora fundada pelo pai e agora era dirigida por ele. Passava a se-

mana inteira de terno e gravata e não sabia usar outra roupa. A mulher e as filhas tentavam, mas não conseguiam.

Um dia, no escritório, viu a secretária abrir uma caixa de sapato e falar para uma colega: "Olha, vou a um baile de formatura com isso, que tu achas?" Ele viu o sapato vermelho na mão da secretária e ficou paralisado. Disfarçou o embaraço e perguntou onde ela comprara. "Desse estilo, doutor Roberto? Ora, na Eny Boutique. Mas tem uns mais sóbrios que é bem o estilo da sua mulher". Doutor Roberto pigarreou, depois pegou o paletó e disse que ia dar uma volta. Na rua, caminhou apressado até a loja que a secretária indicara e escolheu um sapato de salto agulha, vermelho, vibrante, número 35.

Duas semanas depois, em Porto Alegre, falou para a esposa: "Agora põe aqueles que eu te trouxe outro dia". Estavam num hotel, as filhas tinham ficado em Santa Maria, e eles voltavam de uma noitada com teatro e jantar. A mulher respondeu: "Mas o vermelho eu não trouxe". E caminhou pelo quarto, tirando a roupa. Deitou-se para tirar as calças coladas ao corpo e jogou os sapatos. Então ouviu ele dizer que tinha colocado os sapatos na mala. Ela riu, terminou de tirar a roupa, e ele veio ajoelhar-se ao lado dela, acariciar-lhe e calçá-la.

"São lindos", ele falou. "Estão limpos, tu nunca usaste, e agora podes subir na cama". A mulher andou pelo quarto. Deu voltas, mirou-se no espelho de corpo inteiro que havia na parede, e ele pediu: "Agora vem por cima de mim". Ela subiu na cama, caminhou com os pés rente ao corpo do marido e depois se sentou

sobre ele. Ele segurou os pés da mulher e acariciou o desenho dos sapatos. Procurando acomodar-se nessa posição (que nunca fora a sua preferida), a mulher se desequilibrou, ergueu o pé direito e depois calçou-o firme na cama. Nesse movimento, rasgou o braço do marido com a ponta do salto. "Querido, o que eu fiz?" "Continua, continua", ele pediu, o rosto franzido de dor.

Mais tarde, Roberto se examinou no banheiro e viu que a ferida era feia. Foi até uma farmácia fazer curativo e voltou rindo para o hotel. Ela se assustou com o tamanho da atadura e, quando ele pediu para fazer amor outra vez, ela disse sem pestanejar: "Tudo que tu pedires, benzinho, só pra te agradar."

Na segunda-feira seguinte, na porta da loja, escondido atrás do terno e gravata, doutor Roberto sentiu-se um guerreiro. "Ou seria melhor um boêmio?", pensou, "um homem que não tem limites no sexo?" Não sabia o que decidir. Mas achou que poderia ser qualquer coisa por trás daquele fardamento de pacato burguês e próspero comerciante. Um homem capaz de fazer a mulher andar nua de sapato vermelho, subir sobre o seu corpo e se entregar a qualquer uma das suas fantasias.

Água no pé esquerdo

Antonio Candido de A. Ribeiro

Calça n.º 39

Era setembro, outubro, por aí, e chovia forte. Com ansiedade, eu me preparava para o Baile de Debutantes do Comercial. Era o primeiro Baile de Debutantes que eu encararia. Nele, se apresentaria o cantor Sílvio César, grande sucesso na época. Falo do final dos anos sessenta do século XX. Preparava-me e torcia para que a chuva parasse, pois não queria molhar meu smoking novinho em folha, o primeiro que tive. Aliás, iria ao baile todo novo: sapatos, meias, camisa, uma daquelas cheias de babados que se usava com trajes de gala, além do próprio e já referido smoking, que me custara boas horas de "trova", até que minha mãe aquiescesse em presentear-me com ele. Naqueles gloriosos tempos, não havia, como há hoje, lojas que alugam roupas, sapatos e o escambau. No máximo, se poderia conseguir, por empréstimo, com algum amigo, a roupa para ocasiões assim especiais. No meu caso, não era o caso, pois os amigos que tinham smoking também iriam ao baile. Por isso, a aquisição custou-me horas de conversas de pé de ouvido com dona Hilda. Como o mais velho dos

irmãos, eu tinha certos privilégios e ganhar o smoking e os lustrosos sapatos novos foi um deles.

Pois bem, crescia a noite, aproximava-se a hora do baile e nada de a chuva parar. De repente, por um desses milagres, que atribuímos à generosidade divina, a chuva, que parecia anunciar um novo Dilúvio, foi se fazendo mansa até cessar por completo. Já pronto e angustiado, aproveitei a estiagem para, rapidamente, encetar minha jornada rumo à glória, que era participar de um baile de debutantes, em meio à nata da sociedade local e às belas meninas-moças - imaculadamente vestidas de branco, como, então, era usual -, que seriam apresentadas à dita sociedade.

Todo faceiro e meio engomado, despedi-me dos familiares, ganhei a rua e, vencidos os poucos metros que separavam a Andradas da Duque de Caxias, dobrei à direita e avancei pela Duque até a Dr. Bozano, por onde enveredei em direção à Primeira Quadra. A cidade parecia-me pouco iluminada e meio embaçada pela umidade, o que me fez bem, pois não queria parecer demasiadamente exibido, desfilando meu traje de gala, reluzente de tão novo.

Na Bozano, lá pelo fim da Praça Saturnino de Brito, ao pisar em uma lajota solta na calçada, surpreso, senti encharcar-se meu pé esquerdo. Como poderia aquilo acontecer? Na hora, pensei: na Eny, da Galeria, por algum descuido imperdoável, venderam-me um sapato furado (eu só experimentara o pé direito). Só então, ao olhar para baixo, me dei conta do ridículo da situação: minha elegância no trajar destoava completamente dos pés. Eu deixara para calçar meus sapatos sociais no momento de sair, pois sendo estes novos

e sendo largos os meus pés, criados na alforria do campo, não queria maltratá-los antes do tempo. Com o fim da chuva e a pressa em me dirigir ao Clube (se chegasse depois de determinado horário, 23 horas, acho, só poderia entrar após a apresentação das moçoilas), havia-me esquecido dos sapatos. Agradei a Deus pela chuva de antes e pela calçada mal-cuidada, pois não fossem elas, eu teria feito um papelão. Imaginem a cena: eu, faceiro e orgulhoso do smoking novo, chegando ao Clube Comercial, feericamente iluminado, e sendo barrado na entrada por usar um velho par de sandálias havaianas. É provável até que pensassem estar eu debochando do Clube e da festa e que, por isso, depois, cassassem minha condição, arduamente conseguida, de sócio-estudante.

Felizmente tudo acabou bem. Voltei para casa, calcei os sapatos e fui para o baile. Só perdi a apresentação das debutantes, mas isso só fez acelerar meu coração, pois a garota que me interessava - com meus deslizantes sapatos novos, eu haveria de tomá-la nos braços e dançar a noite inteira -, estava lá, à minha espera, linda e rosada como uma flor de pessegueiro.

Páscoa de 1964

Humberto G. Zanatta
Calça n.º 39

Corria - embora tudo fosse mais lento, era assim que se dizia naqueles tempos -, o ano da graça de 1959. Para ser preciso no dia: 19 de fevereiro. Eu estava prestes a fazer, na recém renunciada aurora da minha vida e dos meus incompletos onze anos, minha primeira grande viagem rumo ao desconhecido. Diga-se, àquelas alturas, o desconhecido ampliara-se infinitamente. Os russos já haviam mandado a cachorrinha Laika conhecer outros mundos e a corrida espacial era, não apenas uma realidade, mas também uma milionária disputa entre russos e norte-americanos.

Modestamente, o meu espaço desconhecido, para onde deveria mandar minha nave existencial, era Ivorá. Agora sei, pedaço de terra cercado de morros por todos os lados e por onde se chega, ainda hoje - quando se chega -, pelas mesmas e pedregosas estradas de antanho.

Saí de São Sepé antes do meio-dia, com direito a almoçar na então badalada Churrascaria Aita - nas proximidades da Catedral -, para após, às quatro da tar-

de, iniciar a viagem rumo ao desconhecido Núcleo Norte.

Chamado pelo Senhor, o Pai do Céu,- hoje sei que a voz era quase inaudível -, dirigia-me ao Pré-Seminário Nossa Senhora Aparecida, em companhia de meu pai, o da terra, onde iniciaria os estudos de quem - acreditava pia e docemente -, se sentia chamado para o múnus levítico do Senhor, uma vez que já era voz corrente à época que "a messe era grande e muito poucos os operários".

A passagem e parada em Santa Maria tinha, não apenas o sabor de rever a cidade onde morara até três anos antes e almoçar em acolhedora churrascaria, mas também de comprar um "novo e bom par de sapatos nas Casas Eny", como dizia meu pai, a encorajar-me, durante o trajeto no lotado ônibus da Barin.

Dito e feito. A rodoviária de Santa Maria ainda era na Avenida Rio Branco, onde também se encontravam a churrascaria esperada e as Casas Eny. Acho que durante muitos anos as Casas Eny - casas mesmo quando eram só uma loja - situavam-se no térreo do ainda hoje bonito edifício Mauá.

A bem da verdade, a compra foi feita antes do almoço. E pelas minhas já cinqüentenárias lembranças, ainda tive tempo de visitar os avós maternos e fazer algumas rezas na igreja do Rosário. As rezas eram importantes - dizia-se -, para confirmar minha tenra vocação e livrá-la das incontáveis e escabrosas tentações presentes e futuras, uma vez que, já naqueles tempos, o capeta, segundo alguns pregadores, se encontrava por toda parte à espreita da alma de inocentes crianças.

E que lembro das Casas Eny? Um balcão comprido, assentos para experimentar sapatos, uma escada que levava a uma espécie de mezanino. E dos meus sapatos, naturalmente. Eram pretos, como devia e convinha a quem iniciara a caminhada rumo ao anonimato, à modéstia e à santidade. Desse par de sapatos nunca vou esquecer. Não porque fossem especiais. As opções de feitio e estilo, aliás, não deviam ser muitas. Os meus eram pretos e com cadarços. Discretos. Para combinarem com os propósitos da nova vida e as vestes de seminarista e coroinha: batina preta, sobrepeliz branca e atitudes contritas e reverentes.

Nunca vou esquecer daqueles lindos sapatos das Casas Eny mesmo que nunca os tenha usado. Só os vi e os experimentei na loja. E ficaram muito bem nos meus pés de coloninho, moldados a tamancos, chinelos e terra lavrada. Meu pai pagou-os. Eu os peguei. Caixa embrulhada, saí Rio Branco acima. Agarrei-me naquela caixa como o capitão Bellini à Taça de Campeão do Mundo, em 1958, na Suécia. Era o meu troféu querido e conquistado a duras penas. E de fato o era. Imaginem sair de São Sepé, deixar de comprar sapatos na Casa Primavera para comprá-los nas Casas Eny. Só os filhos da Marieta!

O velho ônibus do Daronco que fazia a linha pra Ivorá não atrasou. Às quatro da tarde - quase em ponto, pelo relógio da catedral -, saímos rumo ao desconhecido Rio da Praia Formosa. Ao passar pelo Itararé e Campestre do Menino Deus ainda revi a velha Igreja e a Escola Santa Catarina, onde fizera a primeira comunhão e cursara o Jardim da Infância e o Pré-Primário; o Monumento aos Ferroviários; a capelinha, o sino

e o cemitério; o chalé de José Dutra e a chácara do Gilberto Binato, onde havíamos morado. Lugares queridos de uma infância pobre e feliz!

Adiante, a famosa "curva perigosa" do Perau a amedrontar-nos; o ronco forte do velho ônibus a não se entregar e os chapadões de Itaara anunciando que estávamos em terra firme e que a próxima parada seria em Val de Serra.

Ao final da tarde chegamos a Ivorá. Ainda havia um sol de boas vindas se enfiando sobre os vãos dos montes rumo à praça, à igreja, à torre e ao imponente prédio do Pré-Seminário. Fui recebido pelo reitor padre Atilio e pelo espiritual padre Serafim e por um grupo de pré-seminaristas que me ajudaram a carregar as malas que trazia com meu modesto enxoval do pré-internato.

E os sapatos? Como no poema do Jaime Caetano Braun... "nunca mais os vi". Só vagas notícias. Nunca soube ao certo onde ficaram ou aonde foram parar. Se saíram de Santa Maria ou não? Se os esqueci na churrascaria ou surrupiaram-mos em algum banco de praça, donde aguardamos o horário do ônibus? Nunca mais! Nenhum sinal! Nenhuma informação precisa e pertinente, ao menos para consolar-me.

Foi a minha primeira grande dor na alma, aliás, nos pés. Imaginem não poder usar sapatos das Casas Eny em Ivorá, terra de Alberto Pasqualini, de Dom Frederico Didonet e de Monsenhor Humberto Busatto?

Só alguns anos mais tarde, já estudando em Santa Maria, aquela dor frustrante de ter perdido ou de não saber aonde foi parar meu par de sapatos novos das Casas Eny - sem nunca tê-los usados - pôde ser um

pouco alivida. Foi quando conheci dona Iracema Andrade, esposa do fundador das Casas Eny, Luiz Andrade. Morava num bonito sobrado ao lado da catedral e que, inapelavelmente posto abaixo, deu lugar ao descaracterizante prédio atual de um banco. Um dia contei-lhe minha triste história dos sapatos novos perdidos/desaparecidos/roubados sem que os tivesse sequer batizado...

Na Páscoa de 1964, visitando-a, como o fazia de quando em vez, ao despedir-me, discretamente alcançou-me um pacote." O coelhinho pediu que te entregasse".

Era um bonito par de sapatos pretos, de verniz, que o coelhinho, sem dúvida, adquirira nas mesmas Casas Eny do edifício Mauá. Novos, nos trinques e na moda. Como convinha àqueles novos tempos. Era 1964!

O sapato e a camiseta

Athos Ronaldo Miralha da Cunha

Calça n.º 40

Quando recebi o convite para fazer uma crônica, com o tema sapato, para comemorar os 85 anos das Casas Eny, veio em minha mente um episódio ocorrido antes da posse de Lula na Presidência da República. Logicamente, envolvia um par de sapatos.

Naquela oportunidade, em uma reunião com prefeitos, o futuro presidente recebeu um par de mocassim. O mimo foi ofertado pelo prefeito de Franca, cidade calçadista de São Paulo. O par de sapatos pretos, número 41, serviu como uma "luva" em Lula. Era uma homenagem a indústria nacional e por que não dizer, também, ao comércio.

Lembro que comentei, em casa, diante da reportagem na televisão. - Onde será que o cara comprou o par de sapatos? Nas Casas Eny? - brinquei. - Ou será que ele recebeu de presente para dar de presente para o presidente? - o que era o mais provável.

Naquele mesmo dia, por necessidade, e não para tomar posse na presidência, também fui a uma das Casas Eny tomar posse de um par de sapatos. Diferen-

temente do presidente, com a devida contrapartida financeira.

Um par de sapatos ou, simplesmente, os pés calçados, fazem uma diferença em nossas vidas. Tantas são as pessoas que não possuem um singelo chinelo para calçar. O que são sapatos pretos ofertados a um presidente? Muito mais que um símbolo da nacionalidade, é também um exemplo de dignidade. Pisamos firmes com os pés protegidos e somos cidadãos que caminham em busca da felicidade. Pisamos firmes e ganhamos a vida chutando a bola. Com os pés protegidos nos revoltamos e chutamos o pau da barraca. Com os pés protegidos tropicamos nas pedras e não perdemos o ânimo. Por vezes, de salto alto, levamos uma rodada homérica, restando apenas sapatearmos em cima das calças para externarmos toda nossa ira... e vergonha. Muitos são os descalços do Brasil que sempre apostaram e acreditaram em cada novo governo, em cada novo par de sapatos subindo a rampa do planalto. Andam descalços e comem poeira, vagueiam nos rincões e nas metrópoles. Hoje, são descalços e já foram descamisados, mas continuam perambulando pela nossa insensatez e indiferença.

Precisamos manter os pés firmes e frear a corrupção, os desmandos políticos e a politicagem. Precisamos pisar firme e com vontade no acelerador para decolar a nossa adormecida capacidade de indignação. Devemos pisar firme com um olho no horizonte e outro no chão. Não precisamos pisar no pescoço da mãe, nos calos dos amigos ou na nossa consciência. E muito menos pisarmos em falso. Precisamos, apenas, pisar na terra firme da construção da vida digna.

Devemos estar calçados para combater a traquinagem e as tramoias dos políticos. Ultimamente andamos descalços de ideias, de projetos e de ética nas mais variadas camadas da sociedade. O Brasil está descalço de justiça social e necessita de novas lideranças calçadas nos ideais republicanos de liberdade e pão na mesa. Com os pés descalços andamos muito, cansamos e calejamos. Com os pés calçados andamos mais e melhor e protegidos das pedras do caminho. Sempre há uma pedra no caminho. E não faltarão pedras nos caminhos de todos os pés calçados e descalços.

Nós que temos o privilégio de viver nessas paragens de Imembuy, e já se vão cento e cinquenta luas, por mais humilde e modesto que sejamos, em algum momento de nossas vidas, entramos em uma das Casas Eny para adquirir um calçado, uma camiseta ou para, simplesmente, xeretarmos o preço. Isso se não tivermos o azar de termos em nossa frente um galanteador a jogar um charme de quinta para cima da sorridente moreninha do balcão ou uma perua para mandar descer toda a prateleira e levar, apenas, um par de cadarços para o Kichute do insuportável pirralho ranhento.

A verdade é que crescemos ouvindo que sapato bom e barato eram os de Santa Maria nas Casas Eny. Por isso, às vezes, me pago imaginado que lá no canto daquela caixinha que estava o mocassim de Lula, tinha uma etiqueta das Casas Eny, mas aí são dados que a história não nos ofertou. Cá entre nós, nossa imaginação é fértil e bairrista. Afinal, temos ou não as costas de crocodilo e a arrogância de gaúcho (sic)?

Enfim, caminhamos por esse mundão de Deus e sempre retornamos à Santa Maria para adquirir um par de sapatos nas Casas Eny. Encerro essa crônica por aqui, preciso ir ao centro comprar uma camiseta para eu ir ao jogo nos Eucaliptos no domingo. Alguém poderia me dizer em qual loja eu compro uma camiseta do Gandense?

Marketing com os pés no chão

Diomar Conrad

Calça n.º 40

Em uma suposta reunião da diretoria das Casas Eny, acontecida há alguns anos, discutia-se um passo importante na vida da empresa, o início das vendas a prazo. Depoimentos inéditos revelaram, ao pé da letra, o conteúdo da reunião, omitindo a identificação dos presentes.

- Temos que admitir, disse o coordenador da reunião, que a concorrência está andando a passos largos, pisando em nosso calcanhar, provocando sérios calos em nosso orçamento. Não se pode mais andar neste modelo único, tipo sapato fechado, sem oferecer novas opções ao cliente. Não são todos que estão calçados na grana e podem comprar somente à vista. É importante que tomemos pé da situação em que nos encontramos e passemos a andar de acordo com as leis de mercado.

Os mais conservadores tinham dúvidas a respeito da proposta:

- Não sei se vai dar pé, disse um.

- Corremos o risco de meter os pés pelas mãos, afirmou outro.

- Não sabemos em que pé andam as empresas que fazem isto.

- Sinceramente, eu estou com um pé atrás.

- Talvez esta idéia não dê no couro.

- Esta proposta me parece meio sem pé nem cabeça. Sempre vendemos à vista e deu certo.

Os otimistas rebatiam, com os dois pés, reafirmando a importância da proposta:

- É preciso meter os pés nesta idéia, ela pode fazer a empresa andar na frente.

- Pisar firme e tomar boas decisões sempre foi o espírito desta organização.

- Mesmo tendo um pé na certeza e outro na dúvida, sou a favor, disse um terceiro.

- A empresa cresceu, é preciso deixar de pensar com pé pequeno.

- A venda à vista forma um ótimo par com a venda a prazo.

- Sempre entramos com o pé direito no mercado, esta é mais uma chance de inovar.

- Tem muita empresa por aí que não se adaptou e acabou batendo as botas.

- Ou fazemos isto ou penduramos as chuteiras.

- Quem tirou esta idéia da caixa foi brilhante.

- Tem muita gente que fez seu pé-de-meia vendendo a prestação.

- Antigamente, a concorrência não chegava aos nossos pés. Mas a realidade mudou.

A proposta acabou sendo aprovada, de pé, por todos. Era uma chance de a empresa se expandir, fazer com que pessoas diferentes botassem o pé na empresa, poder pisar em outras cidades. Mas foi preciso planejar bem a ação, pois o capital de giro necessário exigia uma empresa que estivesse bem das pernas para aguentar o tranco. Depois de verificado o sucesso deste grande passo, as Casas Eny continuaram inovando, fazendo seu marketing com os pés no chão.

Ao pé da letra

Raul Giovanni Cezar Maxwell

Calça n.º 40

Enveredei, ao pé da letra, pelas sendas da música popular brasileira, em busca daquela canção que sintetizasse a relação pé e letra e a instituição Casas Eny. A essência da arte poética musicada ligada ao emblema representado em nossa cidade pela loja, que teve seu desenvolvimento consolidado por Salvador Isaia, cujo nome foi dado à primeira quadra da rua Dr. Bozano. Este local, por pura coincidência, é popular e oficialmente denominado Calçadão. Trocadilho a parte, parti...

Inicialmente minha busca foi a pé, seguindo um hino de inspiração e confecção lupiciniana. Aliás, Lupi, ao sugerir tal meio de acompanhamento a uma paixão, deve ter passado pelas vitrines da Rio Branco, entrado na Casa Eny e escolhido um confortável sapato bicolor, para seguir seu tricolor onde ele estivesse.

Embora sem a podolatria do desabafo do Rei e do Tremendão em "por que me arrasto aos teus pés...?" ou alheio a rebeldia jovem-guardiana do bom Eduardo Araújo e sua "botinha sem meia", fui pisando a es-

trada do cancionero popular, botando aqui e ali o meu pezinho, caminhando contra o vento e seguindo a canção. Mesmo sem enfeitar sapatinhos com laços cor-de-rosa, até porque não ficaria bem em um ex-torturado pela ponta de um band-aid no calcanhar, qual o da canção que, segundo meu professor de literatura, é a síntese da alegoria em "Dois pra lá, dois pra cá", escrita por Aldir Blanc, magistralmente.

Calcei um "sapato velho" a La Tapajós, pra aquecer o frio dos meus pés e fui ao Sul, para ver se encontrava algo em Vitor Ramil, porém, o rapaz andava desfilando seus sapatos por Copacabana, atrás de um livro para ler no fim-de-semana.

Arrastei sandálias, sambei na lama de sapato branco, disse no pé, sapateei, bamboleei, segurei o samba e nada. Sentia-me por vezes um Zeca Baleiro seguindo meus sapatos por aí. Procurei em refrões sertanejos, na sola da bota, na palma da mão e nada da essência que eu buscava. Imune a preconceitos, sem classificar gostos ou tendências, cheguei a pisar em astros, distraído. Lá pelas tantas os meus pés descalços queimavam no asfalto e a confusão, segundo Herbert Viana, fui eu que fiz.

Já estava quase desistindo quando tropecei no rock rural de Sá e Guarabira e lá estava ela, a canção "Meu lar é onde estão meus sapatos". Estava, enfim, em casa novamente após essa viagem virtual de busca. Encontrara a síntese. Por isso me sinto em casa nas Casas Eny: porque é lá o lugar onde estão os meus sapatos. Um lar ao pé da letra.

Enigmático retrato

Máucio
Calça n.º 40

A fotografia é da década de 20, para ser mais preciso, calcula-se que seja de 1927. O local é região central do Rio Grande do Sul, nas proximidades de Cruz Alta. É em preto e branco, em tons acinzentados e amarelados pela ação do tempo. Não porque naquela época não houvesse cores na paisagem, havia sim e muitas, principalmente para os descendentes de imigrantes europeus, ainda com memória genética bem acesa das cores tênues dos seus países de origem.

A imagem é afetivamente impactante. No primeiro plano tem uma cadeira, logo a seguir uma família em frente à porta da residência, uma boa casa de madeira. Entre as pessoas e a moradia, palmeiras de porte médio enfeitam o cenário. A impressão é, observando a precisão simétrica na qual se apresentam os arbustos, que foram colocados especialmente para a ocasião. As pessoas também estão simetricamente dispostas, o casal ao centro e os filhos nas extremidades. A mãe e as meninas à esquerda, o pai e os meninos à direita. Seis crias ao todo. Os filhos e as filhas maiores mais ao centro, formando duas escadinhas. Esta orga-

nização faz com que se forme um semi-círculo de pessoas. Essa meia-lua transmite a ideia de continuidade, como se fosse uma roda de moinho que coloca a imagem em movimento, quebrando muito a aparente estagnação que um olhar mais superficial observa nesse tipo de fotografia.

A porta da casa tem guarnições e venezianas, mas não se consegue perceber se possuem vidros. Logo à frente das pessoas foi colocada uma cadeira com o assento coberto por uma toalha branca de crochê e um vaso de metal com flores que, é claro, são reais, nada de matéria plástica. O casal está com a mão colocada no encosto da cadeira, o pai com a mão esquerda e a mãe com a direita. Os chapéus conferem altivez ainda maior aos chefes do clã. Com isso e com a forma do seu rosto, a esposa lembra a personagem Pierina do filme *O Quatrilho*.

Os meninos vestem-se parecido ao pai, os dois mais velhos com calça comprida, casaco, gravata e lenço no bolsinho do paletó. O menor sem gravata, mas igualmente com roupa especial, combinando calça e casaquinho, uma espécie de "safari". No lado das meninas se avista mais detalhes. Todas estão de vestido de tecido claro, como a mãe. As três seguram à sua frente uma sombrinha, utensílio certamente não tão popular naquela época. A filha menor, com cerca de três anos de idade, segura também uma boneca junto ao corpo. O brinquedo parece de louça ou outro material rígido, quer dizer, não é uma boneca de pano, é um produto industrializado, o que lhe confere também o status de coisa rara. A filha mais velha usa uma pul-

seira enfeitando o braço. A mãe apresenta, discretamente, anéis e alianças em ambas as mãos.

O ambiente para o registro fotográfico foi carinhosamente preparado, reproduz circunstâncias e apresentam objetos pessoais de valores simbólicos muito significativos para aquelas pessoas. No entanto, de nada valeria a cena montada com minúcias para registrar a situação familiar de descendentes de italianos no final dos anos 20, se um detalhe básico não fosse possível de se observar, os sapatos. Todos os oito participantes da foto estão de calçados bem conservados e lustrosos.

O sapato, antes de significar diferencial de classe social é, verdadeiramente, um símbolo da dignidade humana. O discurso visual dessa família "italiana" mostra que ela não precisava mais se submeter aos grosseiros calçados falquejados na madeira que seus pais e avós tiveram que fabricar para se protegerem. Uma nova realidade estava a seus pés.

Minhas botinas

Ludwig Larré
Calça n.º 41

Eventualmente ainda vejo pares de tênis pendurados nos fios da rede elétrica. Imagino que tenham ido parar lá em cima como resultado de desavenças entre gangues rivais. No meu tempo de piá essa era a pena capital para quem transgredisse as normas do código de conduta que imperava entre a gurizada da periferia.

Dessa vez, entretanto, deparei-me com a cena praticamente no centro da cidade. Mais precisamente em frente ao prédio onde morava. Chegando em casa, notei o par de botinas que balançava ao vento pendurado nos fios de luz. Exatamente abaixo da minha sacada. E particularmente semelhante a um par de botinas que eu tinha.

Já no apartamento, vou até a sacada verificar a cena mais de perto. Estou dois andares acima dos fios da rede elétrica, mas percebo que as botinas são iguais às minhas. Corro até a área de serviço, onde as tinha visto pela última vez, atadas pelos cadarços e penduradas atrás da porta. Sumiram de lá. Definitivamente, são as minhas botinas penduradas nos fios de luz.

Minha mulher tinha ameaçado várias vezes dar um fim nas botinas. Eu argumentava que elas ainda eram usáveis, embora não lembrasse quando as tinha calçado pela última vez. Na verdade, talvez nunca voltasse a usá-las, mas havia um vínculo afetivo entre mim e aquelas botinas. De fato, estavam comigo há muitos e muitos anos. Bem além da média de tempo que, acredito, alguém costume manter um par de calçados.

Eram fortes, praticamente indestrutíveis. Semelhantes a coturnos, mas de cano mais baixo e forradas com pele. Gostava tanto daquelas botinas que, quando as usava quase que diariamente ao longo de diversos invernos, lembro de ter mandado trocar a sola no mínimo duas vezes. Elas mereciam o investimento. Sobreviviam ao desgaste dos solados. Mantinham-se intermináveis. O couro mostrava sinais de desgaste, é verdade, mas nada que uma mão de graxa não deixasse em condições razoáveis.

Com o passar dos anos, acabaram perdendo espaço na prateleira dos calçados de uso cotidiano. Numa das vezes anteriores em que a mulher ameaçou se desfazer das minhas botinas, fui forçado a deslocá-las para a área de serviço. Cheguei a sentir-me um pouco egoísta por não admitir doá-las a um necessitado. Ninguém melhor do que eu sabia o quanto aquelas botinas eram capazes de aquecer e confortar pés cansados. Justificava-me com a possibilidade - quase um compromisso assumido - de encontrar ocasião para calçá-las novamente.

Mas não era isso exatamente que me prendia àquelas botinas. Elas me acompanhavam desde a época da universidade. Remetiam-me a experiências de

bons e maus passos. Guardavam ensinamentos adquiridos com alguns tombos. Eram cúmplices e testemunhas de algumas pegadas que marcam para sempre a trajetória da gente... carregavam poeira de tão doces lembranças.

Depois de sobreviver aos dois duradouros relacionamentos anteriores, as botinas eram o único resquício material dos tempos de solteiro. Agora sucumbiam perante o atual casamento, muito mais pelo zelo da companheira em relação às minhas coisas. Faltava-me, porém, entender por que teriam ido parar na rede elétrica. Teria ela suspeitado da dimensão do meu laço afetivo com as botinas? Mulheres em geral não convivem bem com episódios que não lhes dizem respeito na vida pregressa do companheiro.

Estava preparado para o conflito quando a mulher chegou em casa, mas ela veio desarmada. Antes que eu abrisse a boca, foi logo se explicando. Apiedara-se do papeleiro descalço que revirava a lixeira da frente do prédio. Lembrou-se de minhas velhas botinas esquecidas na área de serviço e jogou-as para o necessitado. A rede elétrica simplesmente estava no caminho e faltou um pouco de habilidade no arremesso. Em consequência do imprevisto, para não frustrar o pobre homem, jogou, logo a seguir, um par de tênis velhos, dos quais sequer eu tinha dado falta e com os quais nunca mantive a relação íntima que cultivava com as botinas. Perdoei-lhe imediatamente.

Por algum tempo ainda iria conviver com as lembranças das botinas penduradas na rede elétrica. Talvez, como nas sentenças dos tribunais das ruas, essa tenha sido minha punição por não tê-las destinado

antes a pés carentes de calor e conforto. No dia seguinte, porém, com a ajuda de um pedaço de taquara, resgatei-as da rede elétrica pela sacada no vizinho do primeiro andar. Naquele mesmo dia, minhas velhas botinas ganharam um novo dono. Ainda naquele dia, consumida por um remorso infundado, minha mulher chega em casa com uma sacola das Casas Eny. As botinas novas sequer tinham saído da caixa e já havia um forte vínculo afetivo entre nós.

Uma questão de estilo

Márcio Grings

Calça n.º 41

LEle acorda com o despertador apitando des-governado nos seus ouvidos. Sem abrir os olhos, dá um tapa no bicho máquina. Silêncio de novo. Ainda com as pálpebras fechadas coloca um pé para fora das cobertas e percebe que a temperatura deve estar próxima ao zero. Mês de agosto, não poderia ser diferente. Salta rápido da cama e resolve que o banho vai dançar. O último que havia tomado foi na manhã anterior. Tudo bem. Rapidamente tira o pijama. Parecia um recruta com um Cabo da Guarda imaginário o apressando para colocar seu uniforme, tamanha a velocidade que veste sua roupa. No banheiro, lava o rosto igual um gato fugindo da água fria. Coloca a boina de lã. Caminha ainda de chinelos e meias listradas até a cozinha. Passa um café, come uma fatia de pão, dá uma conferida rápida no jornal da semana anterior, enquanto ouve o barulho do ônibus, que lentamente vai subindo a lomba. Em três minutos o coletivo desce como uma flecha. Beto procura sua bota de camurça e não encontra. Abaixa-se em frente ao sofá e nada. Coloca o pescoço embaixo da cama... E nada! Resolve calçar as

sandálias já que elas estão por perto. Escova os dentes em segundos, atravessa a bolsa no ombro, abre & fecha a porta e sai voando até a parada.

Começa a chuveirar. De cara pisa numa poça d'água e molha completamente um de seus pés. "Putz!", vocifera com cara de poucos amigos. Ele entra no ônibus balançando a cabeça. Passa a roleta e acomoda-se no primeiro banco vazio que encontra, lamentando silenciosamente seu destino. Abre o zíper da bolsa e confere se não esqueceu nada. Só agora ele se dá por conta que suas meias listradas destoam um bocado com a forma que está vestido. Um cara como ele, precisava se ligar nessas coisas. As meias eram quase femininas, com listras das mais diversas cores. Um verdadeiro arco íris. Meias quentes de lã, perfeitas para usar em casa, mas nunca adequadas para um dia de batente. As sandálias já faziam parte do seu visual cotidiano, ninguém mais torcia os olhos, inclusive no trabalho, todos já estavam acostumados. Certa vez, alguém lhe disse que para usar sandálias com meias, um homem precisava ter estilo. Na verdade, ele achava que era um tipo estranho de conexão com seus ancestrais. Só que nunca as usara com meias daquele naipe.

Desce do ônibus e a chuva fina aperta. Ele não tem um guarda-chuva, sempre detestou carregá-los. Agora os pés molham por completo. Da parada até a empresa em que trabalha, ele leva uns 10 minutos. Está um frio dos diabos, uma típica manhã de segunda, daquelas perfeitas pra dar uma desculpa furada e ficar metade do dia sob as cobertas. Aquele trabalhador chega ao destino completamente besuntado pela garoa, com os pés molhados, congelados e desprotegidos.

A loja da dinda Entra na recepção do escritório e a telefonista o avisa: "O Fortes tá te esperando". Miguel Fortes era o seu supervisor. "O que aquele workaholic estaria fazendo na empresa, àquela hora da manhã em plena segunda-feira?", pensa quase desacreditando no que ouviu. Ele agradece a moça enquanto ela dá uma daquelas risadinhas silenciosas. "Gostei das meias, Beto!", completa a garota. Ele bufa como um touro na arena e resolve ficar quieto. Vai ao banheiro e dá uma ajeitada no cabelo.

Ao sair de lá, Beto espia na entrada do corredor e percebe que Fortes está dando um bom dia para o pessoal da ala direita das salas. Rapidamente vai até sua escrivaninha e providencialmente esconde os pés debaixo do móvel. Liga o PC e começa a fazer o seu trabalho como se nada estivesse fora do normal. "Preciso de um par de meias decentes", pensou alto. É nesse momento que Fortes se aproxima da mesa dele e estende a mão, num simples gesto de formalidade. Logo depois, puxa a cadeira e se senta bem ao seu lado. Sem rodeios, Fortes começa falando das metas não atingidas por Beto, diz que ele precisa ser mais agressivo comercialmente, conclui que há necessidade, talvez, de expandir sua área de atuação e blá, blá, blá. Enquanto ele fala, Beto repara no terno de seu supervisor. Alinhado, asséptico, completamente apropriado para um cara na posição dele, e como manda o figurino, os sapatos do cara brilhavam mais do que a careca dele. Amedrontado, Beto enfia os pés mais para o fundo do móvel. Quando Fortes cruza as pernas e começa a traçar paralelos entre a crise econômica mundial e a realidade da empresa, há um pequeno detalhe que lhe sal-

ta aos olhos. Em contrapartida a todo aquele visual comportadíssimo, surge um par de meias listradas, totalmente fora do script, algo que destoava de todo o conjunto. Meias tão coloridas quanto as que ele estava usando. Beto começa a esboçar um sorriso bem no momento que Fortes fala das despesas com vendas que, segundo ele, precisariam ser reduzidas. "Por que você está rindo? Não concorda comigo?", pergunta de bate pronto o gestor. "Bá, me desculpe, Fortes! Eu acho que é por aí, sim! Chefe, é que eu curti tuas meias. Não tem nada a ver com o assunto, mas... Achei bacana!" "Comprei em Buenos Aires", respondeu. "Ano passado, quando tirei férias com a patroa". É quando Beto toma coragem, levanta e mostra suas sandálias de couro preenchidas por meias coloridas. Claro que a dele foi comprada em Santa Maria, na segunda quadra da Bozano. Mas não importa. Os dois começam a rir da coincidência. Existia um estranho parentesco entre elas. Metade da sala se vira sem entender a piada.

A loja da dinda

Marcelo Canellas
Calça n.º 42

Otio Aquiles troçava:

- Eny, vai à tua loja e me traz um sapato novo.

Todos riam. E eu achava que a loja era dela mesmo. Melhor amigo do meu avô, o tio Aquiles Diniz era, na verdade, meu tio-avô de mentirinha. Ele e minha tia-avó Eloá moravam no edifício Canto, no andar de cima do cartório de registro de imóveis da família, quase na esquina da Venâncio Aires com a Floriano Peixoto. Eny era a filha única do casal.

Não dava nem cinco minutos de caminhada até a Galeria do Comércio, na primeira quadra da Dr. Bozano.

- Como é grande a tua loja, né dinda?

Eu achava o máximo minha madrinha Eny entrar na Casa Eny botando banca com o vendedor:

- E aí, como estamos vendendo?

- Bem, dona Eny, muito bem! - ria o gaiato, enquanto equilibrava uma pilha de caixas de sapatos de cromo alemão para mostrar a ela:

- O doutor Aquiles vai gostar desses aqui!

Aquele era o ano de 1972; eu não tinha nem sete anos de idade e a Casa Eny estava fazendo 48.

*

O Timóteo era pouco mais velho do que eu. Devia ter uns oito ou nove anos. Passava a semana zanzando na praça Saldanha Marinho com o caixote de engraxar a tiracolo. Só voltava para casa, na Vila Caturrita, à noitinha, com a fêria do dia. Piá esperto e bonachão, era conhecido de todos os passantes. Meu pai, de pena, dava sempre uns pilas para ele, mas nunca em troca dos serviços do guri:

- Ô moleque, tu não tens que trabalhar. Tu tens que estudar!

O Timóteo ria. Depois saía feliz com o trocadinho que usava para comprar pipoca e uma entrada da matinê do cine Glória. Era sempre um episódio de Tarzan, com Johnny Weissmuller, ou então o festival Tom e Jerry. Mas teve um dia em que o Timóteo foi barrado porque estava descalço. A molecada habituê fez alvoroço em frente à catraca e tentou intervir em favor do engraxate. O bilheteiro permaneceu irredutível:

- Sem sapato não entra.

Eu falei alto, enfezado, para que todos ouvissem o calibre do meu prestígio:

- Liga não, Timóteo. Minha madrinha é a Eny da Casa Eny. Ela arranja um sapato pra ti, muito mais bonito do que essa botina mal enjambrada do bilheteiro.

O homem não se fez de rogado:

- Ah é? Tua madrinha é filha do Isaia? - riu, duvidando da minha bravata.

- Não. É a Eny, filha do tio Aquiles, oras. E é dona da Casa Eny.

- A dona da Casa Eny não é Eny nenhuma, é a família Isaia. - cravou, solene e triunfante.

Fiquei encafifado. Que história é essa de família Isaia? Meu pai desconversou, mas não pôde evitar minha decepção: a Eny não era da Eny, era mesmo dos Isaia. Cheguei enfurecido ao almoço de domingo no apartamento do tio Aquiles. Conteí tudo o que se passara na porta do cinema. Minha madrinha ficou desenhada. E eu amuado num canto da sala.

- Vem cá, guri. - disse tio Aquiles, me conduzindo pela mão até o escritório dele. Protestei, resmunguei, xinguei. Mas fui com ele, vencido pela habilidade carismática do meu tio-avô.

- Vou te contar um segredo, guri. Os Isaia são amigos da gente. E a Eny deixa espalharem por aí que a loja é deles porque eles são muito brincalhões e gostam de pregar peça nos outros. Mas, amanhã de manhã, tua madrinha vai dar jeito no sapato do Timóteo.

*

Minha mãe ouviu a campainha e gritou:

- Atende a porta pra mim, guri!

Abri. Era o Timóteo.

- Olha só! - disse, exultante, apontando para os próprios pés. O engraxate calçava um par de reluzentes sapatos de couro. Entre sorrisos e abraços de agradecimento, esclareceu:

- Foi um vendedor da Casa Eny me procurar lá na praça dizendo que era da parte da proprietária, a dona Eny!

*

Nunca mais vi o Timóteo. Mas o que me espanta, tanto tempo depois, é a longevidade do bom humor dos Isaia. A Casa Eny chega aos 85 anos e eles ainda contam vantagem! Continuam dizendo por aí que a loja da dinda é deles...

O espelho do bruxo e a alma encantadora das chinelas

Odemir Tex Jr.
Calça n.º 42

Manias estas de perambular, criar desvãos e inventar descaminhos, fizeram-me chegar nos espaços circundantes desta nossa Santa Maria, mas poderia ser cena de qualquer cidade. Altamira, no Pará, ou Calçado, em Pernambuco, pouco importando o duelo entre meridianos e paralelas.

O cenário era um campinho de pele rala e grama desbotada, em que jogavam mais de duas dezenas de moleques. Para mim aquilo tinha aroma de nostalgia. O que despertava minha exclusiva atenção era o goleiro: camiseta manga longa, calça de moletom e kichute nos pés (cria que nem fabricassem mais!), amarrados com elegância em volta de si. Não. O tênis ébano de borracha com suas agarradeiras feras, não era - para mim - o mais curioso. Nas mãos, como luvas, um par de chinelas. Bastava.

Nos fins de tarde de minha infância, em campos tais como o que vi dia desses, quando eu empunhava os chinelos nas mãos não havia bola que ousasse cruzar a goleira em que eu era seu fiel e aguerrido protetor. Era pôr aquelas "luvas" e de repente mais dois

metros de Muralha da China surgiam surpreendentes e intransponíveis. Nunca as tirava quando na posição de confiança da equipe.

*

O Machado de Assis quando escreveu seu conto "O espelho" no subtítulo enfatizou que era um "esboço de uma nova teoria da alma humana". Na qual a personagem afirmava que todo homem possuía duas almas: uma interior, outra exterior; concordava que a função de ambas era transmitir a vida, a primeira olhava de dentro para fora, era o sopro existencial; enquanto a segunda poderia ser qualquer coisa externa, como um simples botão de camisa, um livro, um par de botas, enfim.

*

Quem visitar a casa do escritor português José Saramago poderá achar estranho a presença de vários relógios parados nas 16 horas. Sucede que este foi o horário em que ele se encontrou pela segunda, e definitiva vez, com a que seria sua esposa, Pilar Del Rio. Afora a excentricidade, aí pode estar a alma exterior dessa união. Seu SalvadorO escritor alemão Wolfgang Von Goethe - reza a crônica da época - escrevia somente em pé, junte-se a isso o fato de possuir em sua casa uma escrivaninha alta. O que nunca saberemos é se a alma exterior de Goethe era a escrivaninha ou a posição do corpo. Já o estadista inglês Winston Churchill, célebre por suas frases cortantes, fumava, comprova-

damente, cerca de 3 mil charutos por ano. Alguém duvida que eles eram sua alma exterior? Para não irmos muito longe, tomemos como exemplo o ex-presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, que sempre tirava os sapatos em reuniões. Talvez o pé desnudo ou mesmo o olhar atento do calçado fosse sua alma exterior. Outro caso para as suposições.

*

Uma tarde saí com minha mãe. Vou te dar um presente, disse-me. Chegando no centro de Santa Maria, entramos na Casa Eny. Aquelas prateleiras altas, como que escadas para o céu, causavam-me vertigem e admiração. Para mim, sempre era um acontecimento comprar calçados. Contudo, aquele dia a missão seria outra. Qual tu queres, campeão? Olhei para cima e vi um rapaz formidavelmente trajado e sorridente, com alguns pares de luvas para goleiro a minha frente. Podes escolher! Falou comigo novamente. Eu moroso fui andando de revés, com passos de Curupira. Aproximei-me de minha mãe e com surda voz em mãos de concha falei em seu ouvido.

Até ontem minha mãe não entendia o porquê da minha alegria de confete naquela tarde quando saí, aos pulos, da loja com um par de chinelos novinhos em folha.

Seu Salvador

Pedro Brum Santos

Calça n.º 42

Com cara séria e olhos firmes, como era de seu jeito, ele me anunciou. A voz macia, lá dele, disse: o Salvador virá todas as tardes para aprender o ofício. Pequenos serviços podem pedir pra ele.

Era assim seu Salvador, homem decidido que colocava respeito sem ser preciso erguer a voz. Quando a loja era lá embaixo na avenida, minha avó, que vendia pastel na estação, não faltava um dia. Naquele tempo nem tinha esse nome de Eny. Também não havia esse monte de gente trabalhando. Vovó - isso ela me contou muito depois, costumava chegar pelas quatro. Mas quando o movimento tava brabo, nem entrava pra não atrapalhar. Vovó era assim, negra velha respeitosa do trabalho alheio. Seu Salvador, lá ele um moço novo ainda, sabia vender que só vendo. E quando não tinha freguês, ficava de conversa com minha avó, perguntava do movimento na estação, dos graúdos que passavam de trem, se não cansava com aquele cesto nos braços no comprido das tardes.

A modo de dizer, ficaram amigos, seu Salvador e minha avó. Quando eu nasci, vovó já tinha decidido e

minha mãe achou bom: eu me chamaria Salvador. Pelo natal foram comigo até lá. Foram me mostrar. Dizem que fiquei sério e quieto. Olhos que nem bulita, rodando pra todo lado. Naquele tempo a loja não tinha calçado assim pra criança pequena. Minha mãe, que era quieta e envergonhada, sempre me contava essa história e dizia que nunca esqueceu o cheiro bom dos sapatos da loja lá dele, do seu Salvador. Moço bom, deu risada e, veja só, ele disse que rezaria para que eu me criasse forte e inteligente e deu a elas 500 réis de presente.

Nos meus tempos de guri, eu só ia ao centro com mamãe. Em muitas dessas, passamos na frente da venda do seu Salvador. Minha primeira lembrança é que ficava num edifício grande, bonito, diante da praça. Minha mãe, como eu disse, tinha vergonha. Então, nunca queria chegar. Mesmo quando eu embirrava e ficava puxando ela pra trás. Não tinha jeito: pra entrar, só quando era época de natal e vovó estava com a gente. Aí, mesmo com mamãe dizendo onde se viu, incomodar quem está trabalhando, a gente chegava.

Às vezes seu Salvador nem tinha tempo de nos dar atenção. O movimento agora era maior. Quando tava muito cheio, vovó concordava em ir só ela lá dentro. Era combinação deles. Eu e mamãe esperando do lado de fora. E logo seu Salvador vinha me dar um abraço junto com o sapato novo que tinha guardado pra mim. Então a gente zanzava pela praça, ficava um tempo olhando os carros passarem. Depois, ia num bar da primeira quadra onde eu ganhava minha limonada gasosa. O senhor veja, tempo demais de bom aquele.

Como lhe dizia, lá com meus quinze anos, minha vó adoentada do reumatismo, vim trabalhar com seu Salvador. Mas do que me lembro mesmo foi do dia que saí, para servir o quartel. Me entregou carta de recomendação e me deu um abraço demorado. Se eu quisesse voltar, disse que as portas sempre estariam abertas para mim. Mas que nada. Saí do exército, o senhor sabe, moço novo, fui correr mundo. Trabalhei muito por esses caminhos de Deus.

Não me queixo, não, a vida foi boa pra mim. Tive sorte. Com fé em Deus, muito ajudei, muito me ajudaram. Mas hoje tá tudo tão demudado. Já não se encontra gente com a sabedoria do seu Salvador. O senhor sabe, prezo muito esse nome. Sou grato à minha vó, que fez a escolha dele pra me dar. É como sempre digo: eu nada sou, mas com Salvador no nome, o que pode o mundo contra mim?